

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Júlia Costa da Silva Pedroso

**A memória do que não é mais e a promessa do que não é  
ainda:** a façanha de Silvio Romero em se reencontrar no tempo

Monografia apresentada à  
Graduação em História da PUC-Rio  
como requisito parcial para obtenção  
do título de licenciatura e bacharelado  
em História

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Elisa Noronha de Sá**

Rio de Janeiro, novembro de 2021

*Em memória de Maria de Lourde Costa da Silva*

## Agradecimentos

Não poderia começar esse agradecimento de outra forma, senão a garantir que as primeiras linhas desta monografia seriam dedicadas a minha avó. Se tem algo que eu aprendi em cinco anos de graduação é que não podemos falar de história sem falar de memória, de herança, de origem, de contexto e de referências. Pois bem, minha avó foi minha memória, minha herança, minha origem, meu contexto, minha referência e, por tudo isso, minha história. Por tanto, preciso também agradecer à PUC pelo privilégio de, com algumas décadas de diferença, andar pelos mesmos corredores que ela andou. Esse ano encerro um ciclo de minha vida com a conclusão de minha graduação e foi também o ano em que ela passa a me observar de uma forma diferente, mas nunca distante.

Dedico esta monografia, também, ao meu avô pela risada mais gostosa do mundo e por ter me ensinado o que é amor e compromisso, dedicando 52 anos de sua vida à amar minha avó. Preciso agradecer a vocês dois pela filha que tiveram, minha mãe, que por demasiadas vezes as expressões faciais me fazem enxergar as duas mulheres da minha vida sobrepostas cuidando de mim. Com a minha mãe aprendi a ter dedicação, inteligência e excepcionalidade em tudo aquilo que nos propusemos a fazer, a ela, também devo o coração gentil. Agradeço ao meu pai pela confiança e o orgulho às minhas conquistas, que sempre saíram de sua boca com facilidade tremenda e sempre fizeram com que me sentisse especial. Agradeço a Miriam por ser a mãe que a vida me deu, por estar presente em toda minha vida cuidando de mim antes mesmo de eu ter consciência de existir nesse mundo. Agradeço ao Carlos pela admiração, carinho e amor ao me tratar como filha. Agradeço à Mari por me ajudar a construir versões melhores de mim.

Agradeço à Maísa pelo tempo de orientação, parceria e cumplicidade que desenvolvemos em todos esses anos trabalhando juntas, mas sobretudo, agradeço pelo maior presente que ela poderia ter me oferecido: um jeito especial e incrível de enxergar a história que me acompanhará para o resto da minha trajetória profissional e pessoal.

Agradeço a Ana Clara por ter sido a melhor veterana que eu poderia pedir e, hoje, amiga íntima e referência de historiadora. Agradeço a Aninha

e ao Elias, que mesmo tendo seguidos caminhos diferentes, escolheram cursar História por um tempo, o que proporcionou a nós três uma família para o resto das nossas vidas. Agradeço a Gi, Gobel e Bia por serem as amigas que mais acreditam em mim, que nunca me deixaram sozinha e que se orgulham com todas as forças mesmo tendo referências tão diferentes das minhas. Agradeço ao Jerson por ser “meu copo meio cheio”, meu companheiro de curso por cinco anos, meu melhor amigo e, hoje, meu companheiro que ao longo da escrita desta monografia me mostrou mais uma forma em que nós dois sabemos escrever história juntos. Agradeço por fim à História que fez meus olhos brilharem como nunca antes, que ressignificou minha vida, minhas ambições e quem eu sou.

**Resumo:**

O cenário de crise do Segundo Reinado, na década de 1870, se manifesta através da redefinição do mundo político-intelectual brasileiro. A iminência do fim da escravidão e a possibilidade de República no horizonte de expectativas colocam

questões acerca da nação e do povo que a escrita romântica do IHGB não foi capaz de responder. Assim, a explicação de passado mítico e indianista não oferece sentido ao presente miscigenado de 1870 em que coexistem indígenas, portugueses, negros e mestiços. Angustiado com o reconhecimento da sobreposição de camadas do tempo manifestadas pelas raças em seu presente, Silvio Romero desenvolve um modelo de análise particular para o Brasil. Tendo perdido suas referências de presente-passado-futuro o autor pinça seletivamente elementos da tradição em equilíbrio com a experiência nacional para dar forma ao povo brasileiro. Enxerga as condições naturais que permitem o processo em curso de formação nacional e, nesse sentido, torna-se capaz de ir ao encontro delas. Se elege “intérprete do Brasil” porque o enxergou pelo o que era: uma nação miscigenada em formação.

**Palavras-chave:**

raça; geração de 1870; Silvio Romero; povo; nacionalidade

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo 1 - “Na crise do tempo: nem mais somos e nem somos ainda”</b>	<b>9</b>
1.1 - A redefinição do mundo político-intelectual na década de 1870	9
1.2 - A apropriação seletiva das doutrinas raciais	15
1.3 - Entre as duas margens do rio	22

<b>Capítulo 2 - “O brasileiro nasce da angústia: nem indígena, nem português, nem africano”</b>	<b>30</b>
2.1 - Silvio Romero, um homem angustiado	30
2.2 - A defesa de uma história natural da literatura	33
2.3 - Indígena, negro e português: três caminhos com ritmos diferentes	41
2.4 - “Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias”	51
2.5 - Silvio Romero não abandona o tempo histórico do progresso	58
<b>Conclusão</b>	<b>65</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>69</b>

## **Introdução**

A presente monografia é fruto indireto do trabalho de quatro anos de pesquisa PIBIC. A pesquisa, da qual fiz parte, intitulada “Representações espaciais, temporalidades e construção da nação no Brasil, Argentina e Chile no século XIX: os conceitos de sertão, pampa e Araucania” amadureceu meu contato com discussões teóricas sobre temporalidades. Construí, de maneira prazerosa, um olhar atento aos conceitos e estratos do tempo, à consciência do processo histórico, à perspectiva do século XIX de agir no tempo e através do tempo. Os anos de PIBIC e demais matérias que fiz ao longo da graduação criaram inquietações - as quais pretendo levantar ao longo deste trabalho - referentes à década de 1870 na crise do Brasil Império, período o qual sempre me fascinou.

No período em que estava delimitando meus recortes para a monografia, a pesquisa PIBIC passou para um novo projeto “Discursos raciais e diagnósticos sobre as nações americanas na segunda metade do século XIX”. Novamente é preciso, portanto, atribuir a relevância do PIBIC e do CNPQ por quatro anos de bolsa, para a conclusão desta monografia. Não poderia enxergar de outra forma, senão que a minha trajetória durante a iniciação científica moldou a pesquisa defendida neste trabalho de conclusão de curso (TCC). Este ano de 2021 foi dedicado ao meu último ano de pesquisa e à escrita deste TCC, portanto, considero esta monografia uma extensão da minha atuação no PIBIC. Apesar de abordagens teóricas distintas do PIBIC, compartilhamos de quase todas as referências bibliográficas e mantenho como objeto de estudo a geração de 1870, mais especificamente como seu representante: Silvio Romero.

A década de 1870 no Brasil foi palco de disputas entre diferentes projetos políticos em um contexto de forte efervescência de ideais científicos na cena pública do Império. A ciência toma forma, em meados do século XIX, como ideologia que possibilita explicar o ordenamento do mundo a partir do natural, ou seja, transforma fatores biológicos em fatores sociais. A perspectiva do evolucionismo se soma à percepção linear do tempo cronológico do progresso, de maneira que o escalonamento dos povos passa a ser pensado, também, pela ciência. Essas teorias científicas e raciais passaram a ser apropriadas no Brasil com mais força na década de 1870 em um momento de redefinição do mundo político-intelectual brasileiro. Minha hipótese, nesse sentido, é que o contexto de crise reflète em uma perda das referências entre passado-presente-futuro, essa angústia é aquilo que motiva a geração de 1870 a procurar reformulações do Povo e da Nação.

A angústia, na verdade, seria um reconhecimento de diferentes camadas do tempo sobrepostas no presente. Se tratando do século XIX, a manifestação explícita dessa sobreposição de estratos do tempo se dá a partir das raças. No presente brasileiro da década de 1870 coexistem o indígena, o português, o africano e, também, o mestiço. Essa pluralidade de raças em períodos diferentes de desenvolvimento do tempo é o que Silvio Romero

chamou de “espetáculo nacional”<sup>1</sup>. Não se trata apenas da coexistência, mas sim da mistura através de uma miscigenação que não é apenas fisiológica, mas sobretudo, moral e das ideias. Com o olhar da ciência, Romero enxerga o povo como um grande amálgama de tradições e uma grande mistura de períodos distintos de desenvolvimento.

A inquietação do olhar sensível ao tempo e consciente das condições naturais da fisiologia, clima e geografia levantou questões sobre o povo que a escrita romântica do Segundo Reinado não foi capaz de responder. A iminência do fim da escravidão e a República aparecendo como possibilidade, em conjunto com um passado que não é capaz de explicar o presente miscigenado criam uma tensão na década de 1870 entre passado-futuro. Essa foi a geração que contestou os pilares fundamentais de sustentação do Segundo Reinado sem ter um projeto homogêneo a ser seguido. Pareciam homens desorientados, sem referências e angustiados com a falta de coesão nacional. Canalizaram essa experiência coletiva como impulso para seletivamente escolher doutrinas européias que servissem como ferramenta para entender a experiência particular. À apresentação desta crise e a reformulação do mundo político-intelectual reservo o capítulo 1.

Ao capítulo 2 designei a tarefa de apresentar o eleito representante da geração, Silvio Romero, e sua defesa de uma história natural da literatura. Tanto nossa literatura, quanto nossas letras, se encontravam em estado fragmentário, um reflexo direto do estado de “confusão de ideias”<sup>2</sup> do nosso povo. A compreensão desse estado, apenas seria possível para aquele que tivesse uma verdadeira consciência da pátria, isto é, que reconhecesse as condições naturais que contribuíram para a “formação nacional”. Significava, em última instância, compreender o povo em um processo natural em curso. É a consciência das leis naturais que orientam esse processo, tornando possível caminhar ao encontro dele. Organizar a história

---

<sup>1</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor: 1888, p. 4

<sup>2</sup> ROMERO, Silvio. *Estudos sobre poesia popular do Brazil*, Rio de Janeiro: TYP. Laummert & C., 1888, p. 356

de nossa literatura é, portanto, esclarecer a nossa condição natural de “confusão de ideias”.

De uma forma ou de outra, o branqueamento aconteceria, nossos elementos nacionais se consolidariam, atingindo uma forma de maior “coesão histórica”<sup>3</sup> no “genuíno brasileiro”<sup>4</sup>. Entretanto, uma vez atingida a consciência do processo em curso, de que apenas ocupavam temporariamente um “não-lugar”, a angústia e a expectativa parecem se misturar. Por um lado, os elementos negativos de atraso das três raças e a espera por séculos de branqueamento, por outro, a identificação de traços do “genuíno brasileiro” a expectativa de que atingiram uma “coesão nacional”. A geração de 1870 vive em um presente com vestígios do passado e promessas de futuro, um momento de “não-lugar” que perdeu as referências. Desorientados, abandonam uma margem do rio sem ter claro o que os esperava na outra margem. Sensíveis ao tempo e às leis naturais, criaram um modelo particular de análise para o Brasil, em um constante equilíbrio entre tradições selecionadas e experiência nacional.

## **Capítulo I: “Na crise do tempo: nem mais somos e nem somos ainda”**

### **1.1 - A redefinição do mundo político-intelectual na década de 1870**

No cenário de crise do Segundo Reinado, com a ideia de República e a iminência do fim da escravidão aparecendo no horizonte de expectativas dessa geração de 1870, responder à questão de quem constitui o *povo* passa a ser uma prioridade. Novamente, a definição de Nação deixa de ser “algo dado” e passa a ser um problema a ser resolvido e, nesse sentido, as categorias de “passado” e “futuro” ganham, também, reformulações. Assim, a geração de 1870 ganha protagonismo nesse contexto pela tentativa de apresentar possíveis respostas a essas duas perguntas: a da Nação e a do Povo. Para compreender esses esforços, é preciso pensar na apropriação das teorias raciais no Brasil como forma de contestar a ordem política-

---

<sup>3</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 55

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 45

intelectual vigente. No entanto, as reformulações de Nação e Povo não se apresentam apenas a partir do cientificismo, mas de olhares sensíveis à percepção de tempo, sobretudo em um momento de crise.

Este capítulo será dedicado, portanto, a apresentar o panorama político-intelectual do Brasil na década de 1870, a partir do artigo “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)”<sup>5</sup> de Rodrigo Turin em diálogo com o capítulo *Apropriação de ideias no Segundo Reinado*<sup>6</sup>, de Angela Alonso na coletânea “O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889”. Nesse primeiro momento, portanto, trataremos do horizonte de expectativas da geração de 1870, mais especificamente como a iminência do fim da escravidão e a possibilidade da República colocam questões que o passado indianista romântico não consegue responder. Com um passado que não oferece respostas, um presente de crise dos pilares fundamentais do Império e um futuro em aberto, é como se a geração de 1870 perdesse de vista suas referências. A essência da redefinição do mundo político intelectual, dessa forma, parte inevitavelmente das tensões entre “passado” e “futuro”. Para explorar essa hipótese utilizarei o “regime de historicidade<sup>7</sup>” como uma ferramenta de análise “(...) não o tempo, todos os tempos ou a totalidade do tempo, mas principalmente momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vêm justamente perder sua evidência as articulações do passado, do presente e do futuro.”<sup>8</sup>

O século XIX ficou conhecido não apenas como o século da História, mas também pela formação das Nações. No caso do Brasil, mais especificamente na primeira metade do século XIX, o esforço de oferecer uma representação nacional foi feito, entre outros elementos, a partir da criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838. A geração de intelectuais do Instituto cumpriu um papel fundamental de

---

<sup>5</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellêctus*, v.8 n.2 (2009)

<sup>6</sup> ALONSO, Angela. “Apropriação de ideias no Segundo Reinado”. In: *O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889*. GRINGBERG, Keila. SALLES, Ricardo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

<sup>7</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 11

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 37

oposição às escritas estrangeiras sobre o Brasil, tomando protagonismo na formulação de nossas letras e na imposição de uma escrita “verdadeiramente nacional”<sup>9</sup> de nossa história. Desenvolveram, desse modo, uma escrita romântica que elegeu o indígena como herói da Nação e ancestral comum, isto é, representante original do nosso passado nacional. Formularam, portanto, uma forma de tratar da nossa história e, também, do nosso passado, elegendo, portanto, uma definição de “povo”.

Sendo uma Nação ainda de recente formação, o IHGB foi responsável por consolidar a tradição inventada dos intelectuais brasileiros. Segundo a análise da cientista social Angela Alonso<sup>10</sup>, as disputas intra-elites do Primeiro Reinado e da Regência dificultaram a chegada em um consenso do que “caracterizaria a nação” e do que “definiria o povo brasileiro”. Considerando a experiência nacional truculenta dos períodos anteriores, a construção de uma nacionalidade e do corpo da Nação feitas pelo Segundo Reinado selecionou do repertório europeu elementos que pudessem apagar o despotismo do Príncipe e as revoluções populares. A formação do IHGB, nesse sentido, teria oferecido uma espécie de “apaziguamento”<sup>11</sup> das disputas na medida em que criou um modelo de Nação contava com aspectos liberais e conservadores, sustentando-se a partir de três pilares: o indianismo romântico, o catolicismo hierárquico e o liberalismo estamental.

Esse projeto foi bem estabelecido, acalmando os ânimos das disputas intra-elites enquanto deu corpo a uma espécie de “espírito brasileiro”<sup>12</sup> que, para além das instituições políticas que sustentava, criava também um pertencimento nacional. Para encorpar esses pilares da tradição inventada foi feito um trabalho cuidadoso de equilíbrio entre as heranças ocidentais da colonização e civilizações européias que o Brasil queria alcançar e, ao mesmo tempo, as experiências nacionais. O catolicismo hierárquico foi seletivamente escolhido, não apenas porque reforçava o representante divino na Terra, mas também porque estratificava a sociedade enquanto

---

<sup>9</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009), p. 2

<sup>10</sup> ALONSO, Angela. “Apropriação de ideias no Segundo Reinado”. In: *O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889*. GRINGBERG, Keila. SALLES, Ricardo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

<sup>11</sup> *Ibidem*, pp. 92/93

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 93

acolhia simbolicamente, em comunhão, aqueles que o liberalismo excluía. Esse exemplo, mobilizado por Alonso, ilustra a operação cuidadosa da “tradição inventada” que seleciona as heranças européias na medida que essas podem ser úteis para pensar a experiência particular nacional.

Todo e qualquer problema historico e litterario ha de ter no Brasil duas faces principaes : uma geral e outra particular, uma influenciada pelo momento europeu e outra pelo meio nacional, uma que deve attender ao que vai pelo grande mundo e outra que deve verificar o que póde ser applicado ao nosso paiz.<sup>13</sup>

No Segundo Reinado, protagonizada pela geração romântica, a tradição letrada esteve à serviço do *status quo* Imperial e, portanto, não se tratou de uma mera reprodução de doutrinas europeias. A década de 1870 e seu horizonte de expectativas, por outro lado, colocam questões que os já mencionados três pilares não são capazes de responder. Com a iminência do fim da escravidão e com a possibilidade da República como modelo político alternativo os olhares se voltam ao povo, “quem era o brasileiro?” e “o que o caracterizava?” Tratar desse povo inevitavelmente significava também pensar raça e miscigenação. O verdadeiro sentido de representação nacional vem da vontade do povo, ou, como diria o discurso republicano, da sua soberania.

No final do século XIX, quando enfim a escravidão se esgotava, qualquer vislumbre de nação minimamente consequente deveria encontrar **“um lugar para os africanos em nossa história”**.<sup>14</sup>

Além disso, se os ventres escravos são livres a partir de 1871 e o tráfico é proibido desde 1850, o que acontece com essa população de negros a partir do momento em que não estarão mais em condição de escravidão? Segundo Silvio Romero, com as ruínas desse mundo desorientado, restava apenas apostar na expectativa: “o governo em 1871 tinha dado tudo por concluído; fazendo pacto com a morte, confiou-lhe o cuidado do futuro.”<sup>15</sup> Sendo um homem da geração de 1870, contestador do Império e dos românticos que o sustentavam, a formulação de povo oferecida por essa

---

<sup>13</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor: 1888, p. 10

<sup>14</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011, p. 172

<sup>15</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor: 1888, p. XVII

ordem vigente desagradava Romero profundamente. Não à toa, quando elege um arquétipo modelo de intelectual em *História da Literatura Brasileira*, Romero atribui os vícios que deveriam ser expurgados à geração romântica.

O grande pecado do romantismo teria sido, assim, criar um povo místico dentro de uma visão idealista que não concebe erros e na medida em que não concebem erros, o povo perde sua capacidade de transformar. Idealizar o povo é uma ofensa porque retira dele a capacidade de produzir, desenvolver e transformar suas próprias produções populares, mais ainda, para Romero idealizá-lo é se negar a tomar consciência de sua própria pátria. Assim, o que resta é apenas uma imitação estrangeira dos “francesismos”<sup>16</sup>. Os românticos teriam, portanto, mentido ao povo, escondido dele suas mazelas, enquanto imitavam a Europa se recusaram a olhar para a própria realidade: uma nação miscigenada. Os negros, portugueses, indígenas fizeram parte de nossa formação nacional, fazem parte do presente da geração de 1870, assim como o mestiço: o produto histórico<sup>17</sup> do Brasil. O modelo de escrita da história e do passado da Nação do IHGB não dava conta de explicar esse “espetáculo nacional”<sup>18</sup>.

O discurso republicano e a abolição da escravidão são condições históricas que contribuem para o que Silvio Romero chama de “*período de reacção positiva* (de 1870 em diante)”<sup>19</sup>. Diante de um presente mestiço e um futuro aberto, a tradição inventada que deu forma ao mundo do Segundo Reinado não é mais suficiente para apaziguar as novas inquietações nacionais. Questionando essa ordem, a geração da década de 1870 estaria em busca do que Turin chama de “passado profundo da Nação”<sup>20</sup>, isto é, de uma experiência que a narrativa romântica do IHGB falhou em apresentar. Em uma tentativa de compreender a “formação nacional”, essa geração

---

<sup>16</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 11

<sup>17</sup> Ibidem, p. 13

<sup>18</sup> Ibidem, p. 6

<sup>19</sup> Ibidem, p. 10

<sup>20</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009), p. 3

intelectual transforma a etnografia e a ciência em aliadas, sem perder a consciência do tempo e seus diferentes estágios de desenvolvimento.

Os intelectuais de 1870 ainda se utilizam da tradição letrada que equilibra as *heranças* com o *nacional*, entretanto apresentando, agora, aquilo que consideram o verdadeiro “espírito brasileiro”<sup>21</sup> em formação. Se elegem assim, porta-vozes do “ser brasileiro” quando é justamente no povo em que buscam suas respostas. Essa foi a geração, como nos relatou Angela Alonso, responsável por produzir *críticas coletivas*<sup>22</sup> às instituições políticas e à intelectualidade do Segundo Reinado. Ainda que fossem homens nascidos no Império, o contestam, colocando em xeque as formulações de Nação e Povo.

Abandonam uma margem do rio, uma relação de passado-presente-futuro, e mergulham nas águas tortuosas do tempo na tentativa de sanar a angústia do presente miscigenado. Essa angústia parte do reconhecimento tanto da presença quanto da sobreposição das camadas do tempo e seus diferentes estágios de desenvolvimento, que se manifestam em um presente miscigenado com portugueses, indígenas, negros e o mestiço. É uma angústia da perda de referência das categorias de passado-presente-futuro, buscaram a Nação e o Povo porque sentiram não possuir nem um, nem outro. Nasceram como homens do Império, mas são uma geração que não apenas vivenciam, como fazem parte de sua crise.

Foram intelectuais que criticam o pensamento intelectual que dava sustento à Nação Imperial, reformulam a maneira com a qual se pensa a História e o passado, reelaboram o conceito de povo e incorporam seletivamente o cientificismo e as teorias raciais. Não se têm claro no horizonte de expectativas quais rumos podem tomar, uma vez não havia um projeto definido ou um caminho a ser traçado, mas apenas a certeza da mudança. Tratava-se de um tempo desorientado porque esse “espírito nacional” que o Segundo Reinado construiu não oferecia um verdadeiro

---

<sup>21</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 8

<sup>22</sup> ALONSO, Angela. “Apropriação de ideias no Segundo Reinado”. In: *O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889*. GRINGBERG, Keila. SALLES, Ricardo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 88

“sentido de representação nacional” aos intelectuais de 1870 e tampouco os dava prósperos rumos para o futuro.

De um lado, um passado que não está abolido nem esquecido, mas um passado do qual nós não podemos tirar quase nada que nos oriente no presente e nos possibilite imaginar o futuro. De outro lado, um futuro de que não fazemos a menor ideia.<sup>23</sup>

Eram uma "nação que buscava se libertar de algumas amarras do Império sem ter claro um novo projeto político"<sup>24</sup>, no entanto, seus esforços de repensar o passado e suas expectativas de futuro colocaram o povo como centro do discurso intelectual. Mais do que isso, transformaram o povo em objeto da ciência e, para isso, Turin<sup>25</sup> ressalta a importância da etnografia aliada ao pensamento histórico. Nesse sentido, o presente para de ser explicado através do passado e o passado passa a ser explicado a partir do presente: o que se vê no Brasil, em 1870, é um povo miscigenado e as explicações oferecidas sobre o passado, inevitavelmente, precisam responder essa questão. A partir disso, as teorias sobre raça e o olhar consciente do tempo histórico se tornam ferramentas fundamentais na busca de possíveis respostas às duas questões centrais que venho levantando até aqui: “Como definimos a Nação brasileira?” e “Quem constituía o povo brasileiro?”

## 1.2 - A apropriação seletiva das doutrinas raciais

Para enxergar de que maneira essa geração mergulha em busca de um passado profundo que explique a formação nacional, trataremos agora mais especificamente das apropriações das teorias raciais, feitas por esses intelectuais, como forma de repensar a realidade brasileira. Se o século XIX colocou a biologia como principal ferramenta de análise de mundo, os intelectuais brasileiros que se colocaram à tarefa de reconstruir a nação não podiam deixar de incluir a ciência, suas análises, conceitos e teorias. Dentro

---

<sup>23</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 20

<sup>24</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras: 1993, p. 37.

<sup>25</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009), p. 9

de um grande repertório europeu de teorias raciais existiam interpretações que tornariam impossível pensar em possibilidades de futuro para as nações miscigenadas como o Brasil. Esse é o caso dos deterministas raciais que enquadram a miscigenação como um profundo ato de degradação trazendo preguiça, apatia e infertilidade.

Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos - "classes perigosas" a partir de então - nas palavras de Sílvio Romero transformavam-se em "objetos de ciencia"<sup>26</sup>.

Como é possível perceber pela citação de Lilia Schwarcz, a inferioridade passava a ser definida a partir da ciência, na medida que os fatos sociais começam a ser determinados biologicamente. A pesquisa de Darwin trouxe para o vocabulário da época conceitos fundamentais, como: “competição”, “seleção do mais forte”, “evolução” e “hereditariedade”, que foram adotados por outros campos do conhecimento. No que se refere à política, o darwinismo forneceu uma sustentação teórica para práticas conservadoras, já que o atraso brasileiro que Schwarcz menciona estaria justamente ligado à miscigenação que constituía o povo. Por outro lado, como apontou Rodrigo Turin, a miscigenação foi um fator decisivo em motivar a investigação da geração de 1870 pelo “passado profundo da Nação”.

Se o principal sentido na busca por esse passado era oferecer esclarecimentos sobre o presente brasileiro, já se descarta a hipótese de uma mera reprodução das doutrinas raciais que circulavam na Europa. As ideias científicas não penetraram o cenário intelectual brasileiro, como um movimento inconsciente de absorção, mas sim foram selecionadas e apropriadas coletivamente<sup>27</sup> pela geração de 1870. E por apropriadas não me limito apenas a dizer que foram escolhidas por esses intelectuais para pensar o nacional, mas sim que estes realizaram suas próprias leituras

---

<sup>26</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, Companhia das letras: São Paulo, 1993, p. 38.

<sup>27</sup>ALONSO, Angela. “Apropriação de ideias no Segundo Reinado”. In: *O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889*. GRINGBERG, Keila. SALLES, Ricardo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 88

científicas e naturalistas do meio, do indígena, do negro, do português e do mestiço. À luz disso, recupero Marcos Chor Maio<sup>28</sup> para introduzir o pensamento social brasileiro da geração de 1870, a partir de Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha.

Primeiramente, Maio apresenta a existência de três pressupostos destacados pelos autores que envolvem as doutrinas raciais, desenvolvidas em paralelo com o determinismo biológico. A primeira delas é apontar que a humanidade se diferencia em grupos chamados “raças” que possuem determinadas características culturais e mentais. A segunda seria o predomínio do grupo sobre o indivíduo, ou seja, a compreensão de que as ações individuais são determinadas pelo grupo racial. Por fim, a terceira é que essas “raças” não são apenas diferentes, mas sim desiguais. Assim, reforço a necessidade de considerar como a publicação da “*Origem das Espécies*” muda por completo o cenário dos teóricos de raça e apazigua, de certa forma, as disputas entre monogenistas e poligenistas.

Por um lado, a teoria de Darwin favorecia os monogenistas ao apontar que a humanidade pertencia à uma única origem e constituía uma mesma espécie, por outro, a ideia da evolução do Darwinismo agrada os poligenistas que reafirmam que os segmentos da espécie humana se isolaram tanto que se tornaram extremamente diferentes. Isto significa que ocorreram apropriações da obra de Darwin pelos dois grupos para encaixá-las em suas teorias e isso produziu, também, visões distintas sobre os povos não-europeus. A imagem do Brasil, por exemplo, como um país atrasado em termos evolutivos, foi moldada pelas ideias europeias sobre clima, raça e evolução. A natureza do povo era explicada pelo determinismo climático-racial que dava pouca margem à ação humana devido ao alto grau de mestiçagem, de maneira que “tornava-se evidente o impacto negativo das teorias deterministas na construção das imagens sobre a América Latina em geral e sobre o povo brasileiro em particular.”<sup>29</sup>

Povo que descendemos de um estragado e corrupto ramo da velha raça latina, a que juntara-se o concurso de duas das raças

---

<sup>28</sup>MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura. “Entre a Riqueza Natural, a Pobreza Humana e os Imperativos da Civilização, Inventar-se a Investigação do Povo Brasileiro.” In: *Raça como questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 33

mas degradadas do globo, os *negros da costa* e os *pelles vermelhas* da America, nós ainda não nos distinguimos por uma só qualidade digna de apreço, a não ser o *fraco* lastimável de mascarar-nos de grandezas que não nos assentam, imitando, macaqueando sem alvo nem critério todos os vícios e loucuras que trazem uma *etiquèiv* de Pariz!<sup>30</sup>

A citação acima de Silvio Romero ilustra o cenário que esses intelectuais enfrentaram em seu mergulho no tempo, a busca por respostas sobre o que caracterizava a nação e o que definia o povo colocava grandes desafios. Em uma posição delicada, a geração de 1870 não poderia ignorar a relevância do discurso cientificista, sobretudo pela expectativa do Brasil se tornar uma Nação civilizada, mas as próprias visões que o determinismo produzia sobre o Brasil pareciam condená-lo. Ainda que buscassem contestar o Império, essa geração se utiliza da mesma tradição inventada que equilibra as heranças européias com a particularidade nacional. Poderiam ter as referências da Europa, uma vez que eram delas que adivinham a civilidade, no entanto sua aplicação deveria ir de encontro a experiência nacional e não ao encontro dela. Em outras palavras, se o presente do Brasil era mestiço, não haveria qualquer sentido pensar hipóteses de “pureza” racial.

“Com efeito, punha-se por terra a hipótese evolucionista, que acreditava que a humanidade estava fadada à civilização, sendo que o termo *degeneração* tomava aos poucos o lugar antes ocupado pelo conceito de evolução, enquanto metáfora maior para explicar os caminhos e desvios do progresso ocidental. Para os autores darwinistas sociais, o progresso estaria restrito às sociedades “puras”, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória.”<sup>31</sup>

Para o determinismo, os mestiços, em primeiro lugar, apontam as diferenças entre as raças e, em segundo, explicitavam a “degeneração” que ocorre com o cruzamento destas. A miscigenação, portanto, era um fenômeno que deveria ser evitado, considerando que o mestiço seria aquele que carregaria os vícios da mistura das raças. Nesse sentido, dentro do determinismo racial não existiria um horizonte de expectativa para um país

---

<sup>30</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, pp. 354/355

<sup>31</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, Companhia das letras: São Paulo, 1993, pp. 79/80

mestiço, não existiria possibilidade de futuro para o Brasil. Já vimos anteriormente que o determinismo racial repercutiu bastante nas Américas criando diagnósticos bastante negativos sobre o continente, mas este também foi apropriado e ressignificado por intelectuais latino-americanos. Este é o caso de Silvio Romero, um ávido leitor do determinismo, que apesar de reconhecer os aspectos negativos da miscigenação, a enxerga como condição histórica nacional. Trataremos mais especificamente do “hermeneuta do Brasil”<sup>32</sup> e sua teoria do branqueamento no capítulo 2.

“(...) usaram um critério político para a triagem dos esquemas de pensamento do repertório europeu, apropriando-se tão somente daqueles que os auxiliassem a compor uma crítica do status quo e a fundamentar projetos de reforma.”<sup>33</sup>

Por enquanto, gostaria de ressaltar a importância de pensar esses intelectuais enquanto agentes no processo de incorporação dessas teorias raciais, como propôs Angela Alonso ao remover o foco das ideias e colocá-lo nas escolhas seletivas feitas pelos grupos contestadores. Isto significa que existiam intencionalidades políticas nessas apropriações ainda que não houvesse um projeto consolidado e homogêneo a ser seguido. A estratégia, portanto, partia de uma temporalização na medida em que colocava os brasileiros em uma espécie de “crise do Antigo Regime”<sup>34</sup> atribuindo a decadência e os atrasos, inclusive da miscigenação, nos legados coloniais de sustentação do Império: no complexo latifundiário de monocultura e escravidão em conjunto com o caráter estamental das instituições políticas imperiais.

De maneira extremamente cuidadosa, a geração de 1870 buscou equilibrar a tradição nacional com as apropriações europeias, de forma que seria possível equilibrar, também, o vocabulário cientificista das teorias raciais sem abandonar a possibilidade do Brasil se juntar ao *Hall* das civilizações europeias. Ao mesmo tempo em que colocaram o povo como objeto da ciência e isso implica considerar as teorias sobre *miscigenação* e

---

<sup>32</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011.

<sup>33</sup> ALONSO, Angela. “Apropriação de ideias no Segundo Reinado”. In: *O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889*. GRINGBERG, Keila. SALLES, Ricardo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 97

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 97

suas degenerações, o fazem garantindo que a singularidade da nação não a impediria de alcançar os patamares do progresso e da civilização. A decadência brasileira seria corrigida, “o mal profundo”<sup>35</sup> superado, se colocassem o *povo* em um momento de *transição* que paulatinamente, de geração em geração, o branqueamento repararia. Adotava-se, assim, uma perspectiva evolucionista da história que equilibra as tradições humanistas de perfectibilidade com o vocabulário científico das teorias raciais modernas.

A noção humanista de perfectibilidade humana considera a capacidade do indivíduo em se aperfeiçoar, o que não necessariamente estipula um fim determinado ou garantia de sucesso. Por outro lado, o determinismo racial vai pelo caminho oposto ao considerar que as degradações são estipuladas biologicamente e são insuperáveis. O equilíbrio entre essas duas perspectivas que parecem se anular estaria, justamente, na sutileza em considerar que essas degradações existem, são biologicamente determinadas e negativas, no entanto a perfectibilidade que pode ser adquirida através do tempo permite que, futuramente, essas degenerações sejam minimizadas. Nesse sentido, perceber o tempo como um agente histórico é central na medida em que a tese do branqueamento não se limita a uma ação individual, mas um processo de gerações através da ação do tempo.

Sem nunca pôr em dúvida a hierarquia sustentada pelas teorias racialistas europeias, Romero advertia, ainda assim, que era inútil condenar a mestiçagem ocorrida no Brasil em favor de uma raça pura idealizada que jamais existiu e provavelmente jamais viria a existir por aqui.<sup>36</sup>

Assim, para Romero, por exemplo, o povo brasileiro era uma “raça” que estava em formação, marcada pela miscigenação e pelo meio. Sua interpretação do brasileiro não deixa de ser determinista, mas justamente por isso, também coloca o pressuposto de que a raça branca é moralmente superior e pura. Isto significa dizer que, apesar das degradações, a raça branca seria capaz de prevalecer e se impor nas miscigenações e, portanto,

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 98

<sup>36</sup> MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça como questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010, p. 37

com o tempo acabariam por aprimorar - aperfeiçoar - esses indivíduos. Ao mesmo tempo em que o determinismo climático-racial produzia uma explicação científica para a degradação e condenação, abria margem para o desenvolvimento de um argumento que discordasse com a imagem inteiramente negativa do povo. E essa imagem não inteiramente negativa dava a possibilidade de um futuro em aberto para a Nação brasileira, num equilíbrio entre o determinismo e o tempo histórico do progresso, formando uma ferramenta de análise particular para o cenário nacional.

O conceito de “conversão”<sup>37</sup>, mobilizado por Turin, se refere aos escritos de Nina Rodrigues embasados na “condição evolutiva”, isto é, no reconhecimento da impossibilidade de suprimir a intervenção do tempo. A percepção da naturalização do tempo, colocava um fim à possibilidade de intervenções externas nas sociedades ou a imposição de civilizações incompatíveis com o grau de desenvolvimento intelectual de um determinado povo. Assim, a noção universalizante de civilização caía por terra, na medida em que “o processo histórico deve ser percorrido em todas as suas etapas, não existindo a possibilidade de uma intervenção exterior a ele mesmo”.<sup>38</sup> Essa percepção de Nina Rodrigues bebe do determinismo biológico, na medida em que considera essas condições como naturais e aparentemente irreversíveis, dentro de uma visão bastante negativa da miscigenação, no entanto ainda assim coloca o tempo como agente indiscutível do processo.

Qualquer que seja a força, a corrente da civilização contemporânea para nivelar os povos, extinguindo-lhes as originalidades; qualquer que seja o impulso do cosmopolitismo hodierno, obra da troca constante e facilíma de idéas e sentimentos entre as nações de nosso tempo, qualquer que seja esse impulso para igualar numa uniformidade monotona as tendencias intrínsecas e hereditarias dos povos, ainda assim é impossível negar a aptidão de raças diversas para diferentes esferas da actividade intellectual.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009), p. 23.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>39</sup> ROMERO, Silvio. *Estudos sobre poesia popular do Brazil*, Rio de Janeiro: TYP. Laummert & C., 1888, p.354

A naturalização do tempo a partir do determinismo colocaria um fim à “conversão”<sup>40</sup>, um fim à possibilidade de intervenções externas mudarem condições naturais. Portanto, devido à mestiçagem o Brasil seria incapaz de se enquadrar no projeto romantizado de inclusão nos moldes da civilização moderna. Pensar o tempo como agente, nesse sentido, significa colocá-lo como uma manifestação da natureza, como um ator que segue suas leis fundamentais. Coloco aqui como hipótese, dessa forma, que a partir do momento em que esses intelectuais naturalistas se dedicaram a entender as leis naturais que regem o mundo, foram capazes de operar a favor delas. Assim, não se trataria de uma intervenção externa para alterar condições biologicamente e climaticamente determinadas, mas sim de acelerar o funcionamento de processos naturais já em curso na medida em que conhecem os princípios que os regem.

### 1.3 - Entre as duas margens do rio

Para o propósito desta monografia, Silvio Romero será a partir daqui meu estudo de caso como representante da geração de 1870. Isso porque, elegeu a miscigenação como princípio de explicação do país, como a resposta que o “verdadeiro” passado da Nação deveria oferecer e que o passado romântico não foi capaz de providenciar. Romero possuía um olhar sensível às leis da natureza e uma consciência do tempo como um agente e, simultaneamente, um processo em curso. Silvio Romero é assim caricatura da geração desorientada que se jogou nas águas tortuosas do tempo porque não encontrou explicações para o tempestuoso espetáculo nacional de seu presente e, por isso, sua escrita é profundamente angustiada.

A nacionalidade brasileira está n’este periodo de transição; os vestígios tradicionaes dos seus elementos constitutivos acham-se em contacto, penetram-se, confundem-se entre si para virem a formar a poesia de um povo jovem e o thema fecundo de bellas creações litterarias e artisticas de uma civilisação original.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009), p. 23.

<sup>41</sup> ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brazil*. Volume 1, Lisboa: Nova Livraria Internacional - Editora, 1883, p. X

Ávido leitor do determinismo, Silvio Romero explica que os estudos folclóricos permitiram identificar três categorias de população: povos primitivos, antigos e camponeses, nenhuma delas capazes de abarcar a sociedade brasileira que carrega em si estratos temporais distintos. Dessa maneira, esses estratos temporais, representados por diferentes raças e a mistura entre elas, colocavam o brasileiro em um “não-lugar”. Não mais primitivo, no entanto não ainda moderno, não mais selvagem e também não ainda civilizado. Nem indígena, nem português e nem africano, nem apenas a mistura destes, mas um tipo novo em formação. O povo brasileiro ao carregar tantos extratos temporais simultaneamente parecia se encaixar numa espécie de brecha de um tempo desorientado. Um espaço de transição em que as categorias de passado-presente-futuro se encontram embaralhadas.

Entramos, assim, na parte final deste capítulo que tem como pretensão levantar a hipótese central deste trabalho. Sendo assim, pretendo retomar a ferramenta do *regime de historicidade*<sup>42</sup>, “uma forma de tratar das relações de passado-presente-futuro”<sup>43</sup> sensível justamente à perda de referências dessas categorias universais, quando as três parecem estar em crise. No desenvolvimento da sua obra, Hartog considera a tese de Koselleck, na qual o historiador alemão desenvolve a ideia do “tempo histórico do progresso”, isto é, que o tempo moderno é pautado por uma aceleração. Segundo Hartog, Koselleck buscou investigar uma semântica dos tempos históricos considerando “as tensões existentes entre o campo de experiência e o horizonte de expectativa e estando atento aos modos de articulação do presente, passado e futuro.”<sup>44</sup>

A hipótese do “regime de historicidade”, desse modo, se beneficia dos escritos de Koselleck, uma vez que trataria justamente dessas “tensões”. Hartog considera essas tensões entre espaço de experiência e horizonte de expectativas como verdadeiras brechas e momentos de crise do tempo. Assim sendo, essas brechas seriam caracterizadas por estarem entre dois

---

<sup>42</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 27

<sup>43</sup> Ibidem, p. 28

<sup>44</sup> Ibidem, p. 28

regimes de historicidade, ou seja, por estarem entre a “impossibilidade de passado e de futuro” elas são caracterizadas por aquilo que “não mais são e, também, não são ainda”. A metáfora do rio, nesse sentido, trata justamente dessa angústia de perder as referências de passado e futuro durante a travessia, cujas águas tempestuosas desorientam enquanto as margens não oferecem muita firmeza.

O uso que proponho do regime de historicidade pode ser tanto amplo, como restrito: macro ou micro-histórico. Ele pode ser um artefato para esclarecer a biografia de um personagem histórico (...) com ele, pode-se atravessar uma grande obra (literária ou outra), tal como *Mémoires d'outre tombe* de Chateaubriand (onde ele se apresenta como o “narrador que mergulhou entre as duas margens do rio do tempo”).<sup>45</sup>

Em seu prefácio, François Hartog levanta uma série de possibilidades para o uso do “regime de historicidade” como uma ferramenta de análise histórica, dentre elas: uma grande obra ou personagem. Esse é o caso, por exemplo, de Ulisses e Santo Agostinho, ou se tratando das Américas, do viajante Chateaubriand<sup>46</sup> e seus diários de viagem. O olhar utópico de um homem do Antigo Regime “vencido da Revolução<sup>47</sup>” enxerga a América como terra que possui a única liberdade autêntica: a do selvagem. No entanto, sua expectativa idílica é frustrada ao chegar em solo norte-americano e se deparar com uma República, que ele caracteriza como uma espécie de imitação dos antigos. A quebra de expectativa, no entanto, não o impede de discorrer sobre essa “América autêntica”.

Chateaubriand cria, assim, um dispositivo retórico, que o permite ter um olhar distanciado no qual, mergulhado entre as tensões entre passado e futuro, fala a partir do lugar de memória para encontrar a América do selvagem que a América republicana já não era mais. Esta América republicana que Chateaubriand se depara é considerada antiga, um museu cujo repertório é o passado europeu, ela não é nem a do selvagem nem a considerada moderna, mas sim um “não-lugar” entre regimes de historicidade e carregando vários estratos do tempo. As referências de

---

<sup>45</sup> Ibidem, p.13

<sup>46</sup> HARTOG, François. Chateaubriand: “Entre o antigo e o novo regime de historicidade”. In: *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 93

<sup>47</sup> Ibidem, p. 93

passado-presente-futuro ficam embaralhadas e no caso americano, a mistura das raças é a manifestação explícita dessa sobreposição de “estratos do tempo”. Sendo um homem da nobreza no Antigo Regime, Chateaubriand deixa um presente revolucionário que não condiz com suas referências do mundo político-intelectual, para se aventurar no passado, buscando aquilo que perderam: por isso a América.

Silvio Romero parece desenvolver um mecanismo retórico-discursivo semelhante, que permite olhar as tensões entre passado e futuro a partir da memória, não à toa a voz do povo e os contos populares folclóricos passam a ser seus objetos de estudo. Na busca pelo “passado profundo da nação” coloca o povo como objeto da ciência, a partir de uma “nova experiência do tempo, na qual o passado, uma vez representado sob o signo da perda, passa a ser ao mesmo tempo lamentado e desejado”.<sup>48</sup> Essa busca do passado já parte de um reconhecimento de que “não são mais” aquela essência procurada, por isso Romero recupera a poesia popular como fonte de resgate à memória porque a partir dela encontraria os vestígios de um “espírito brasileiro”. A essência procurada faz parte da formação nacional do Brasil, mas o presente romeriano já é diferente da origem, mesmo que seu futuro continue distante e em aberto.

É n’este momento unico na historia da formação de uma nacionalidade, que os *Cantos populares do Brazil* foram colligidos, adquirindo por isso o valor de um documento importantissimo, que viria a obliterar-se com certeza; n’esses cantos ha ainda as suturas distinctas dos seus elementos primordiaes, e ha já feição definida que começa a caracterisar o genio brasileiro na literatura e na arte.<sup>49</sup>

É importante retomar, nesse sentido, as apropriações conscientes que foram realizadas pela geração de 1870 das teorias raciais que estabelecem “clima”, “raça”, “geografia” como elementos ativos<sup>50</sup> do processo histórico. Foi à luz desses conceitos que a geração de 1870 realizou suas leituras do material folclórico, estabelecendo unidade para a poesia popular e

---

<sup>48</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009), pág. 10

<sup>49</sup> ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brazil*. Volume 1, Lisboa: Nova Livraria Internacional - Editora, 1883, p. X

<sup>50</sup> TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009), p. 18

apontando os elementos que simbolizam as especificidades do povo. Assim, dentro do modelo sutil e inteligente que equilibra o determinismo racial com a temporalização, a geração de 1870 busca pelo seu passado a partir da memória que enxerga as tensões entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativas da nação. Isto é, partindo de um presente miscigenado com modelos de análise científicos, que passado poderia explicar esse presente e, mais ainda, possibilitar esse futuro? Pareciam, assim, perdidos entre um presente ultrapassado, um passado sem sentido e um futuro em aberto.

Tratemos primeiro do presente que carregava explicações sobre um passado indianista, do ancestral comum, que fundamentava pilares de sustentação ao *status quo* do Império. A geração de 1870 se deparava com um presente de atrasos, carregando as heranças coloniais de um passado que não proporciona vislumbres de um futuro moderno. Era ainda mais grave, um presente cuja representação nacional idealizada nada tinha a ver com a realidade miscigenada. As críticas que a geração de 1870 teceu ao modelo político-intelectual do Segundo Reinado não partiram de um projeto homogêneo e delineado a ser seguido, mas sim do fôlego de mudança compartilhado pelas experiências comuns que atravessaram essa geração. Com vários projetos em disputa, do federalismo aos positivistas, os rumos do futuro estavam incertos para esta geração, cuja característica dominante era a contestação ao Império.

A terceira, que principia com o romantismo político de Constant no tempo de nossa Independência, constitue uma phase de decadência, pelo esquecimento de nossas tradições populares, e uma imitação sôfrega e desordenada, do françezismo, decadência só contrabalançada pelo facto de deixarmos totalmente ou quasi a submissão portugueza.<sup>51</sup>

Os intelectuais da geração de 1870 cronologicamente se encontravam no Segundo Reinado, no entanto eram definidos justamente por criticá-lo. Cronologicamente são parte do Império, mas - definidos por sua diferença com os Saquaremas – intelectualmente, parecem apontar para redefinições além do modelo político, mas das próprias delimitações de Nação e do Povo. Uma geração que, seletivamente, escolheu elementos da do repertório

---

<sup>51</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 11

européu e da experiência nacional que permitissem encontrar seu passado e, ao mesmo tempo, indicações para o seu futuro, já que não pareciam ter, nem um, nem outro. Adotaram, tal qual exigia o século XIX, modelos de análise científicos transformando seu próprio povo em objeto da ciência na investigação do “passado profundo da nação” que o passado do *IHGB* falhou em oferecer.

Para Romero, o nacionalismo não pode ser provado exteriormente através de descrições, pelo contrário ele precisa ser sentido e exprimido através do espírito porque a nacionalidade não é um fato primeiro. Por isso, a poesia popular não poderia ser aquilo que o povo canta, mas aquilo que o povo produz. O genuíno “espírito brasileiro” em formação, do qual trataremos no próximo capítulo, está em fragmentos nas canções populares e apenas um autor consciente da pátria seria capaz de enxergá-lo. Os românticos, pelo contrário, pegavam as criações do povo e as enchiam de retórica, divagações estéticas e enfeites líricos ao invés de realizarem análises etnológicas e fisiológicas.

O romantismo idealizou o povo ao invés de transformá-lo em objeto da ciência, tarefa a qual a geração de 1870 foi capaz de fazer pois se propôs a conhecer esse povo. Na visão do autor, sua consciência da pátria foi aquilo que o permitiu escrever a “história não escrita”, façanha que não havia antes sido feita já que, mirando sempre na Europa, a maioria dos intelectuais falhou em encarar a própria realidade. Assim, Romero se encontra num tempo desorientado porque não poderia confiar em seus antecessores para conhecer o seu passado ou sua história nacional, tudo precisa ser revisto pelo método de análise particular que desenvolvemos até aqui. É por isso que a Romero coube a tarefa de explicar o espetáculo nacional, só pode ser o intérprete do Brasil porque o enxergou pelo o que era: uma nação miscigenada.

Silvio Romero coloca a miscigenação como princípio de explicação do país, temporalizando-a num jogo sutil que reconhece as degenerações biologicamente determinadas e aparentemente insuperáveis, no entanto as submetem à agencia histórica natural do tempo. Se utilizam do mesmo modelo determinista que os condenaria, ou na mais esperançosa perspectiva, que oferecia um futuro inferior, e se aproveitam das entrelinhas para criar

um modelo particular de análise que oferece uma imagem não tão negativa do Povo ou da Nação. Se reecontram no tempo na medida em que na brecha sem aparente passado ou futuro, criam um modelo de análise particular que oferece, justamente, uma experiência de passado e horizontes de futuro.

Uma geração que está entre a memória do que não é mais, homens do Império, e da promessa daquilo que ela ainda não é. Assim como o povo brasileiro não é mais primitivo e ainda não é civilizado, não é nem indígena, nem português, nem africano, mas tampouco é uma nação de mestiços. O povo brasileiro ocuparia, assim, no presente romeriano esse ainda “não-lugar” de uma “raça em formação”, ou seja, em *transição* sofrendo a ação natural do tempo. A geração de 1870 cambaleando entre vestígios de passado e promessas de futuro se apropria conscientemente das explicações científicas e da naturalização do tempo sem abandonar a temporalização e a crença no tempo histórico do progresso para criar o povo brasileiro.

## **CAPÍTULO 2: “O brasileiro nasce da angústia: nem indígena, nem português, nem africano”**

### **2.1 - Silvio Romero, um homem angustiado**

Faço aqui referência, a um termo utilizado por Alberto Luiz Schneider em *O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do Século XIX*<sup>52</sup>, no qual o autor escreveu “A angústia romeriana, dilacerada entre a defesa da nacionalidade e do progresso está profundamente relacionada ao modo como compreendeu a tradição colonial luso-brasileira.<sup>53</sup>” Para Schneider, essa angústia parte do conflito romeriano em preservar tradições coloniais carregadas de originalidade do país e, ao mesmo tempo, sua necessidade em afastá-las para que um novo Brasil moderno pudesse se desenrolar. Utilizei o termo *angústia romeriana*, algumas vezes no capítulo anterior, partindo também da mesma premissa “de um equilíbrio cuidadoso” de sua escrita. No entanto, apesar da referência ao Schneider, mobilizo minha angústia com outra interpretação, na medida em que enxergo essa inquietude em Romero pela consciência de diferentes temporalidades em seu presente.

Silvio Romero foi um homem característico, até mesmo em idade, da geração de 1870. Nascido em 1851 em Sergipe, chega aos anos 1870 como um homem de letras, da política, da história, da filosofia, da etnografia, da literatura e, sobretudo, da ciência. Um grande polemista que se inseriu no cenário intelectual do Rio de Janeiro, capital do país e, fez parte

---

<sup>52</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 180

de sua redefinição político-intelectual. Esse homem característico se colocou na árdua e importante tarefa de interpretar o Brasil, de “explicar o espetáculo nacional”<sup>54</sup> através da literatura. Trataremos dessa discussão mais para frente, por agora, pretendo explorar a percepção da temporalidade na escrita de Romero. Que espetáculo nacional era esse que buscava explicar? O seu presente miscigenado, com portugueses, indígenas, negros e mestiços. Povos que, ao descrever, Romero enxerga-os em estágios diferentes da linha do tempo progresso. Ou melhor, da linha do tempo *natural* do progresso.

A união neste solo de povos em tão variados estádios da intelligencia influiu na psychologia do povo brasileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que supponho por factos, no momento primeiro do fetichismo, phase primordial da idade theologica (...) Os indios achavam se no periodo da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista. Os portugueses eram monotheistas, ultimo momento do theologismo; mas tinham grandes residuos da época anterior: o polytheismo. Dahi uma grande confusão no todo das crenças e tradições brasileiras, que encerram dados contradictorios de todas as phases do pensamento.<sup>55</sup>

Essa percepção de escalonamento dos povos em diferentes estágios na linha do tempo é característica dos homens mergulhados no “tempo histórico do progresso”<sup>56</sup>. Segundo Koselleck, essa consciência do tempo era típica do tempo moderno, marcado pela aceleração, o qual dedicou sua vida a estudar. No século XIX, mais precisamente com o cientificismo em sua metade, o tempo linear se somou ao evolucionismo dentro da percepção que essa linha do progresso era um curso natural do tempo e da própria história. Em contraponto, o determinismo biológico muito apropriado no continente americano, parte da mesma tese de diferenças naturais, mas sob a perspectiva que considera, também, inevitáveis e diferentes destinos para o branco, o negro, o indígena e o mestiço. A agencia externa não era suficiente para alterar aquilo que estava determinado biologicamente,

---

<sup>54</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor: 1888, p. 4

<sup>55</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 18

<sup>56</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução: Carlos Almeida Pereira, Wilma Patrícia Maas. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006,

apenas a interferência da força natural do tempo seria capaz de definir os rumos. Essa seria a brecha que permitira interpretações “não tão negativas” assim de povos miscigenados.

A angústia de Romero, nesse sentido, está em um homem que realiza um equilíbrio cuidadoso entre determinismo biológico e crença no “tempo histórico do progresso” para explicar o nacional. Romero aceita a tese da miscigenação inexorável, já que “o mestiço é o produto physiologico, ethnico e histórico do Brazil”<sup>57</sup> e, também, a reconhece como nossa característica particular, “é a forma nova de nossa diferenciação nacional.”<sup>58</sup> No entanto, em momento algum deixa de reconhecer os atrasos nas diferentes raças, pelo contrário se dedica a explicá-los e colocá-los na necessidade de serem superados. Não deixa de reconhecer a inferioridade e carregar o pessimismo, mas joga em sua expectativa de futuro o branqueamento. A mesma crença determinista que faz Romero reconhecer características inferiores é a que coloca a raça branca como culturalmente e biologicamente superior. É sob o olhar da ação do tempo histórico na tese determinista que Silvio Romero considera seu esforço, em explicar o espetáculo nacional a partir da literatura, uma história natural do Brasil.

Diante de um presente miscigenado, com um horizonte de expectativas que carrega a iminência do fim da escravidão e a possibilidade de República, Silvio Romero é crítico quanto ao passado indianista romântico e quanto a sermos apêndice da história portuguesa. Sem referências do passado, é um homem angustiado em explicar a presença de portugueses, indígenas e negros na formação desse mestiço e especular sobre qual futuro essa nação poderia ter. O brasileiro é o mestiço, que ao longo de gerações, se aperfeiçoará em sua versão mais branca possível, assim como será original e inconfundível, pois nasce da mistura. Os atrasos carregados por essa miscigenação, que serão superados no branqueamento, são também nossa particularidade.

Não se trata apenas de considerar as características que são passadas na miscigenação, mas sim que o indígena, o negro e o português estão em

---

<sup>57</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 45

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 45

estágios diferentes de desenvolvimento, logo a mistura também é dos próprios estratos do tempo. Nesse sentido, a angústia se manifesta ao reconhecer o português como uma raça atrasada na Europa, mas, também, como a raça que introduziu uma cultura européia em nossa formação nacional, uma herança de tradições. Uma angústia de equilibrar atrasos e expectativas, em desacelerar o tempo para não perder nenhuma essência nacional e acelerá-lo para alcançar logo a civilização. Por isso o incentivo à imigração portuguesa é bem-vindo, enquanto a imigração da raça alemã, mais evoluída, deveria ser adotado com cautela. A angústia de um homem que busca modernizar as diferenças sem perder o nacional, como aponta Schneider<sup>59</sup>, considerar heranças sem se confundir com elas.

Mais do que se diferenciar dos indígenas, portugueses e africanos, a angústia está em enxergar os estratos do tempo que carregam consigo. O reconhecimento do brasileiro como um povo em *formação* traz angústia e, ao mesmo tempo, expectativa em Romero porque o autor equilibra duas formas de pensar as relações entre passado-presente e futuro. Sem as referências das categorias universais, a geração de 1870 estaria em um “não lugar”, em um espaço de transição e precisamente, por isso, suas análises de busca do nacional colocam o brasileiro como um povo em formação. É uma consciência do tempo mergulhada nas crenças deterministas raciais que permitem Romero interpretar seu presente como esse “não lugar” que contém vestígios do passado e promessas de futuro simultaneamente em seu desenvolvimento. E como homens tão atentos ao tempo, foram sensíveis em perceber seu momento de crise.

## 2.2 - A defesa de uma história natural da literatura

A história do Brasil, como deve hoje ser compreendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos entusiastas lusos, a história exclusiva dos portugueses na América. Não é também, como o quiz de passagem supôs o romanticismo, a história dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em o Novo

---

<sup>59</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011.

Mundo. É antes a história da formação de um tipo novo pela acção de cinco factores, formação sextiaria em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéas.<sup>60</sup>

Nas preliminares da *Introdução à história da litteratura brasileira*<sup>61</sup> (1882), Silvio Romero relata um dilema: o estado fragmentário de nossa história e literatura. Muitas lacunas foram deixadas na medida em que coube a estrangeiros desenvolverem as primeiras notícias de nossas letras, nos colocando na importuna condição de apêndice da literatura lusitana. Aos nossos poucos autores nacionais, apenas alguns pequenos ensaios e análises puderam ser atribuídos e, ainda assim, Romero ressalta o tom de artificialidade dessas obras. Com algumas poucas páginas, o autor expressa seu descontentamento com a falta de expressividade dos escritores brasileiros que o antecederam. Esses intelectuais haviam deixado pouco ou quase nenhum vestígio daquilo que seria essencialmente o brasileiro, um material fragmentário para Romero cumprir sua árdua tarefa de explicar o nosso espetáculo nacional.

Suas preliminares parecem assim, um esforço de apresentar sua própria dificuldade em delinear uma história da literatura brasileira, ao mesmo tempo em que justifica a necessidade de fazê-lo. Para superar essas lacunas, Silvio Romero faz uma escolha metodológica: tratar a história literária nacional como uma tese pré-concebida. Na falta de elementos para pintar um quadro vivo da história dos autores brasileiros, precisa considerar alguns escritores portugueses com a ressalva de que deveriam ser considerados apenas os que viveram longamente no Brasil e por ele lutaram. Logo no início, sua tarefa já impõe decisões cuidadosas, na medida que precisa preencher essas lacunas sem abrir mão da particularidade que nos diferencia dos portugueses.

Escrever a história literária do Brasil, inevitavelmente parte de uma distinção: não se trata de um apêndice da literatura portuguesa, tampouco a história dos tupis como sugeriu o romantismo ou dos “representantes do

---

<sup>60</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, pp. 6/7

<sup>61</sup> *Ibidem*.

africanismo<sup>62</sup>”. Ao mesmo tempo, não bastava apenas diferenciar-se do português, do indígena e do africano, mas também considerá-los em conjunto com a ação do meio físico e da imitação estrangeira. Esses cinco fatores, que se desdobravam em seis com a predominância do mestiço, seriam o fio condutor de leitura para Romero em sua busca de determinar a formação do “espírito do povo brasileiro”<sup>63</sup>. Considerar esses aspectos seria a verdadeira “consciência da pátria”<sup>64</sup>.

O descontentamento de Romero com os autores brasileiros que o antecederam parte justamente da ausência dessa “consciência da pátria” que os impediu de transparecer na escrita o “espírito brasileiro”. Foram poetas e autores que não compreenderam sua individualidade, não escreveram suas singularidades e nem como estas se relacionam com seu país e com a própria humanidade. Romero preferia ter escrito a história da literatura brasileira a partir do conhecimento íntimo desses homens que a escreveram, mas como esses não lhe deixaram a essência que tão avidamente procurava, a Romero sobram lacunas. O incômodo de Silvio Romero com o universo letrado brasileiro, nesse sentido, se manifesta também na *História da Literatura Brasileira*<sup>65</sup>, na qual o autor praticamente define um arquétipo do que seria esse intelectual consciente da pátria. Escrevendo agora em 1888, em um contexto de abolição da escravatura, além do discurso republicano já bastante fortalecido, Romero apresenta:

Todo homem que empunha uma penna no Brasil, deve ter uma vista assentada sobre taes assumptos, se elle não quer faltar aos seus deveres, se não quer embair o povo. Sem a pretensão de doutrinar e disciplinar a opinião, vou expender meu modo de pensar. Rapidamente, sem duvida. O Brasil é um paiz ainda em via de formação; nunca é demais esclarecer seu futuro.<sup>66</sup>

Diante desse cenário, restava apenas uma opção para formular a história de nossa literatura, em última instância, obrigatoriamente colocava-

---

<sup>62</sup> Ibidem, p 6

<sup>63</sup> Ibidem, p. 8

<sup>64</sup> Ibidem, p.

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor: 1888, p. XIII

se a necessidade de pensar as relações de nossa vida intelectual com o contexto histórico, político, social e econômico da Nação. Romero se propõe a investigar de que maneira o colonizador, aquele que implantou uma nova ordem, foi se transformando a partir do contato com a natureza americana, com os nativos e com o negro. Mais ainda, de que forma as ideias estrangeiras contribuíram nesse cenário de formação do brasileiro que já faz parte do presente, ainda que seu aperfeiçoamento esteja apenas no futuro.

Não bastava apenas esquematizar os contornos de uma história literária, para Romero era preciso transcrever as condições de nosso determinismo literário, investigar de que maneira a geologia e a biologia interferiram nas letras. É nesse sentido, pensando a partir de uma naturalização do tempo histórico, que elege quatro grandes fases de nossa literatura: “*período de formação (1500-1750), período de desenvolvimento autônomo (1750-1830), período de transformação romântica (1830-1870) e período de reação crítica (de 1870 em diante).*”<sup>67</sup> A partir da sua “consciência da pátria”, ou seja, atento às três raças, ao mestiço, ao meio físico e à imitação estrangeira, Romero elenca esses estágios de desenvolvimento de nossa história.

A interpretação de literatura de Silvio Romero considera que o conceito abarca “todas as manifestações da intelligencia de um povo: - política, economia, arte, criações populares, sciencias (...)”<sup>68</sup>, por isso a literatura é meio para enxergar a nossa “formação nacional”. Assim, a divisão proposta parte justamente do olhar sensível de Silvio Romero aos diferentes estágios de desenvolvimento do português, do indígena e do africano, ao mesmo tempo em que considera a manifestação desses “estratos do tempo” no mestiço. Tendo em vista que sofrem ação do meio, não bastaria apenas considerar as distintas temporalidades, mas de que forma o clima do território as afetou e continua as afetando.

Não basta, portanto, investigar somente o passado de origem da “formação nacional”, mas compreender que esse processo continua em

---

<sup>67</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 10

<sup>68</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor: 1888, p. 9

curso no presente romeriano. Em busca de um passado oculto, com um presente carregado de misturas, Romero é um homem repleto de expectativas para o futuro. Como característico representante da geração de 1870, sua escrita é carregada de determinismo biológicos e mergulhada em pessimismos, ao mesmo tempo é apegada às promessas do futuro e profundamente atenta à estratificação do tempo, como um clássico homem do tempo histórico do progresso. Em sua desafiante tarefa de explicar nosso espetáculo nacional, Silvio Romero é um homem angustiado com seu presente, insatisfeito com a explicação do passado e esperançoso que o horizonte dará conta de resolver nosso destino inexorável: a miscigenação.

Pensar o problema do estado fragmentário de nossa literatura a partir dos autores que a escreveram, portanto, é apenas um reflexo de sermos um povo em formação que convive tanto com vestígios do passado, quanto com promessas do futuro. Por um lado, ainda convive com as três raças que o constituem - a indígena, a portuguesa e a africana - mas por outro, o brasileiro já existe enquanto resultado “inacabado” do processo: o mestiço. Apesar de Silvio Romero reconhecer que o verdadeiro resultado histórico brasileiro é o mestiço, o autor garante que não seremos uma nação de mulatos. O mestiço é o presente de Romero, o que ele considera uma condição histórica do Brasil e, portanto, uma tese idealista de pureza racial no país não caberia em nossa realidade. Esta pureza jamais existiu aqui. Pelo contrário, Romero aceita a miscigenação como fator imutável de nossa história, ainda assim é nesse futuro que reside sua fé, pois o futuro simboliza o branqueamento.

Não quer dizer que formaremos uma nação de mulatos; pois que a fôrma branca prevalecerá; quer dizer apenas que o europeu alliou-se aqui a outras raças, e desta união saiu o genuino brasileiro, aquelle que não se confunde mais com o portuguez e sobre quem repousa o nosso futuro.<sup>69</sup>

A angústia com um presente miscigenado com tantos estratos do tempo se projeta no futuro como a expectativa que a forma mais embranquecida possível prevalecerá. Se os contornos do futuro já estão delineados, Romero precisa desembaraçar o emaranhado de vestígios do

---

<sup>69</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 45

passado que estão em seu presente. Justamente porque o brasileiro não pode mais ser confundido como imitação do português, tampouco ser reduzido a igual de indígenas e africanos. A resposta de nossa particularidade, nossa essência verdadeiramente nacional, está no povo em formação. Definir esse “espírito brasileiro” que caracteriza o povo é possível quando o autor possui a “consciência da pátria”, quando enxerga o fio condutor natural da nossa história. A busca por um passado nasce da angústia desse país miscigenado, portanto, é fruto da própria “consciência da pátria” com a qual Silvio Romero enxerga seu presente.

Por isso, o autor propõe a divisão de nossa história em quatro grandes momentos. Partindo da literatura buscou investigar de que maneira as três raças contribuíram na “formação nacional”, não à toa, este é o título do primeiro período de 1500-1750. Entenderemos o período de formação na próxima subdivisão quando tratarmos das raças, por agora, chama a atenção o destaque dado ao segundo, “período de desenvolvimento autônomo” em Minas Gerais. Romero refere-se a “grande escola mineira” como o único período brilhante e original de nossa poesia, e parece atribuir essa espontaneidade de desenvolvimento à manifestação do “espírito brasileiro”. Isto é, a descoberta das Minas atrai uma grande quantidade de profissionais liberais que vão suprir as demandas criadas pelo surgimento da cidade, o que traz novos ares à percepção de organização social.

Dentro da defesa que Silvio Romero faz de um “desenrolar histórico natural”, é como se a descoberta do ouro criasse condições de possibilidade para que autonomamente indígenas, portugueses e africanos interagissem e se misturassem de maneira mais intensa. Nesse sentido, observamos mais uma vez como Romero adota o critério de miscigenação não apenas pela mistura das raças, mas também pela mistura das ideias, da cultura e dos estratos do tempo. À luz disso, os elogios à poesia desse período como verdadeiramente original partem justamente do reconhecimento que o desenrolar natural de nossa história nos levou a um momento propício para as misturas, que já ocorriam, mas que se desenvolvem agora de maneira mais autônoma. Não se trata apenas de uma mestiçagem física, mas também moral, em que as interações entre as raças, contando com as determinações

biológicas e do meio, vão aos poucos desenvolvendo esse “espírito brasileiro”.

Uma litteratura, além de tudo, nunca tem um fundador; tem órgãos de manifestação, mais ou menos aperfeiçoados, e não passa disto. Uma escola é que pode ter um chefe, um iniciador. Uma litteratura tem uma base, tem elementos e tem órgãos. A *base* da nossa é o sentimento do brasileiro, como nação á parte, como producto ethnico determinado; os *elementos* são as tradições das trez raças sem predominio de uma sobre as outras; os *orgãos* são os nossos mais notáveis talentos, todos aquelles que sentiram como brasileiros.<sup>70</sup>

O corpo de nossa literatura, nesse sentido, só pode ser observado a partir dessa consciência da pátria que constitui o arquétipo de letrado brasileiro. Por isso, o esforço de Silvio Romero é de perceber o fio condutor de uma história natural, que o permite seleccionar justamente os autores que transparecem em sua escrita esse “espírito brasileiro”. A ameaça de simplesmente imitar a Europa é um vestígio “do antigo servilismo mental<sup>71</sup>” e como um letrado modelo de seu próprio arquétipo, Romero é o porta-voz do desejo do povo: “queremos passar á escolha, á selecção litteraria e scientifica<sup>72</sup>”. Assim, é defensor da “darwinização da crítica”<sup>73</sup> como uma ferramenta inevitável de análise, afinal a partir dela seria possível combater a “imitação parasitária” que envenena nossa literatura nacional. É como se a escolha dos autores que compuseram a história da literatura brasileira não tivesse sido feita por Romero, mas pela natureza em si, da qual o autor apenas é capaz de enxergar as leis.

A poderosa lei da concurrencia vital por meio da selecção natural, a sáber, da adaptação e da hereditariedade, é applicavel ás litteraturas, e á critica incumbe comprova-la pela analyse dos factos.<sup>74</sup>

A darwinização da crítica é o processo que todo autor consciente da pátria deve saber realizar, isto é, enxergar as nuances entre hereditariedade e a adaptação. Ao escrever a “história natural da literatura brasileira”, Romero delimita os critérios a serem seguidos pelo olhar da ciência para

---

<sup>70</sup> Ibidem, p. 120

<sup>71</sup> Ibidem, p. 10

<sup>72</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor: 1888, p. 10

<sup>73</sup> Ibidem, p. 10

<sup>74</sup> Ibidem, p. 10

equilibrar nossos elementos estáveis, “as energias das raças”, aquilo que fundamenta nosso povo e ao mesmo tempo, a parte universal da literatura, a “genérica”. Existe uma espécie de decoro, de tradições européias a seguir, mas jamais imitar, deve-se repudiar a imitação. Esse decoro civilizado não pode deixar de existir no corpo nacional, no entanto não pode ofuscar o “espírito brasileiro”. Silvio Romero se dedica a enxergar os contornos naturais dessas duas forças indispensáveis da literatura e como um intérprete do Brasil, explica ao seu povo o cruzamento entre o meio físico e o social que os criou. Desembaraçando os vestígios de passado e as promessas de futuro, Silvio Romero se coloca como porta-voz do povo, em formação, de seu presente angustiado.

A dupla função do letrado consciente da pátria seria equilibrar o mundo culto europeu que influencia na própria formação da inteligência nacional, sem perder de vista de que falava com o povo. Mais ainda, falava sobre o povo, pois era nele em que estava o nacional. Um nacional em construção que Romero se propõe a explicar, se agarrando ao olhar científico para investigar um “passado profundo da nação”. Com a consciência das temporalidades e das leis naturais que regem o mundo, Silvio Romero mergulha nas águas tortuosas do tempo pinçando seletivamente quais elementos o permitiam explicar o espetáculo nacional.

Assim, por enxergar os princípios da natureza que tecem o desenrolar de nossa história, é um homem consciente do processo de formação, do “não-lugar” que ocupa o brasileiro. Graças a essa consciência é capaz de eleger um fio condutor de nossa história, reformulando as categorias de “presente”, “passado” e “futuro”. Não à toa, para entender o povo brasileiro, Romero precisa se debruçar sobre as temporalidades das raças que contribuíram para a nossa formação. O olhar científico se torna a lente de aumento para destrinchar os diferentes estágios de desenvolvimento do indígena, do africano e do português antes de chegar no produto “incompleto” de seu presente: o mestiço.

### **2.3 - Indígena, negro e português: três caminhos com ritmos diferentes**

No capítulo *Raças que constituíram o nosso povo - o mestiço*<sup>75</sup>, Romero se dedica a cada uma, colocando-as em seus respectivos tempos históricos de desenvolvimento. Seguiremos aqui o mesmo percurso, começando com o português. Em nosso processo de formação nacional, Romero destaca ao português como lugar de honra porque “(...) elle, sem ser o unico, é o principal agente de nossa cultura.”<sup>76</sup> Como um bom determinista, o autor faz análises meticolosas sobre as características positivas que nos foram passadas pelos portugueses bem como os atrasos. Inclusive porque considera que os falsos patriotas são aqueles que mentem ao povo endeusando seus vícios, como fez a geração romântica. Com diferença de algumas páginas, Romero consegue ir das origens duvidosas da Península Ibérica aos elogios por nos terem dado de herança o sangue e as ideias de uma cultura européia. Se nada se sabia de positivo dos habitantes pré-históricos da península ibérica, o desenvolvimento da história portuguesa também não foi tão próspero assim.

Para Romero, Portugal foi um resultado complicadíssimo da história, primeiro por sua formação, sempre se diferenciando à parte principalmente da Espanha e depois por “No seculo mais brilhante de sua historia, veio até às nossas plagas tomar aos tupis esta vasta região, onde fundou uma nacionalidade, que deve ser no futuro a representante de suas tradições<sup>77</sup>”. Daqui podemos tirar algumas reflexões interessantes, como a consciência de ápice e declínio na história portuguesa dentro do mesmo século. Partindo da visão de que Portugal seria na verdade uma parte mais atrasada da Europa, seu próprio desenrolar na linha do tempo é analisada com pessimismo pelo autor inicialmente.

Mais à frente em sua escrita, no entanto, aparece a noção de que uma certa continuidade, daquele momento auge das grandes navegações, foi deixada aqui na América portuguesa. Com a independência desta Nação, coloca-se a necessidade de investigar seu passado e com isso, aquela herança portuguesa se transforma em tradição. Na narrativa romeriana, a

---

<sup>75</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 29

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 29

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 30

nacionalidade fundada no descobrimento pelos portugueses deixou aqui uma continuidade que no futuro, com a Independência, nos tornaria representantes dessa tradição. Um olhar sensível ao tempo, mas com as noções de passado-presente-futuro entrelaçadas e desorientadas.

Somos um povo em formação recente; não temos, pois, vastas e largas tradições populares. Negros e índios pouco puderam fornecer, e os portugueses já tinham, com a Renascença, esquecido em parte as tradições da idade média, quando o inconsciente das cousas os atirou às nossas plagas. Dahi o estado fragmentario de nossa litteratura popular.<sup>78</sup>

O próprio desenvolvimento da linha do tempo portuguesa parece contribuir, também, para a confusão de pensamentos que o autor atribui ao brasileiro. Se parte da nossa trajetória inclui a herança das tradições portuguesas, é preciso compreender que sua história foi conturbada. Por isso Romero levantou as questões sobre as origens da península ibérica e o estágio de desenvolvimento do português. Essa ideia de que os portugueses estavam perdendo de vista as tradições da idade média é interessante porque os coloca, quando chegaram aqui, numa posição de “não-lugar”. É como se os portugueses estivessem entrando em uma nova etapa de desenvolvimento quando chegaram na América, deixando algum tipo de continuidade que se realizaria no decorrer de nossa história, mas no mesmo século entraram em declínio. A nossa linha do tempo, pelo contrário, não se desenrolaria a partir da portuguesa, mas sim que o encontro entre a portuguesa e a nossa que estava em curso, teria formado uma tradição fragmentária.

Isso coloca ainda, outro dilema importante para Romero, nossa diferenciação com Portugal e seu eterno jogo de cintura em considerar e afastar as “tradições coloniais”<sup>79</sup> simultaneamente. Não podemos ser vistos como mero desdobramento da linha do tempo portuguesa, mas ao mesmo tempo a promessa de sermos herdeiros dessa tradição fazia parte da nossa formação nacional. Somente considerar o “passado português” nos tiraria a singularidade, só o passado indianista romântico era insuficiente, portanto, a geração de 1870 foi mais a fundo. Assim vemos como, de fato, Romero

---

<sup>78</sup> Ibidem, p. 18

<sup>79</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011.

adota a postura de interpretar a literatura brasileira como uma tese pré-concebida, o autor cria um fio condutor linear e natural do tempo. Não pode abrir mão dos portugueses, porque fazem parte da origem e contribuíram com a cultura européia, mas se diferencia apontando a “imperícia do governo da metrópole”<sup>80</sup>.

Ao portuguez devemos a colonização por uma raça européa, seu sangue e suas idéas, que nos prendem ao grande grupo de povos da civilização occidental. Pertencente, porém, ao gremio dos povo neo-latinos, trouxe-nos tambem seus prejuizos monarchicos e religiosos, seu aferro à rotina e outros males chronicos que lavram n'alma daquelles povos.<sup>81</sup>

Quando se debruça sobre o assunto da colonização, Romero inevitavelmente volta a pensar nas dinâmicas das três raças juntas. Mas continua sob a perspectiva do português, avaliando como seu governo não foi sábio em se utilizar da sua cultura superior para melhor conduzir a colonização dos indígenas. O autor lamenta que não tenham sido capazes de adaptá-los a si, selecioná-los a partir da agência natural de sua cultura superior. Minha hipótese nesse sentido é que o papel do português como protagonista na formação nacional não é apenas pela superioridade da raça. Na realidade, seria também por Romero considerá-lo o agente histórico natural que permitiu esse encontro das três raças em nosso território. Claro, não o agente natural de todo o processo, afinal os portugueses não são responsáveis pelos *brazilio-guarnys*, por exemplo, terem sido selecionados a predominância pelo meio. Mas o português foi o agente colonizador, trouxe os africanos para cá e escolheu formas de lidar com os nativos.

A consequencia é facil de tirar: o branco, o autor inconsciente de tanta desgraça tirou o que pôde de vermelhos e negros e atirou-os fora como cousas inúteis.<sup>82</sup>

Nessa passagem, Romero se refere justamente ao português como “autor inconsciente”, como um agente involuntário da seleção natural. Minha hipótese, portanto, considera que Romero defende a interpretação natural de nossa história, a biologização de nossa literatura e, por isso,

---

<sup>80</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 31

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 32

<sup>82</sup> *Ibidem* p. 16

enxerga que existiram condições naturais que permitiram a formação nacional. Isto é, o *hermeneuta do Brasil*<sup>83</sup> explica um desenrolar orgânico do tempo que agiu naturalmente criando condições específicas que permitiram o surgimento do mestiço brasileiro. Foram essas condições de possibilidade históricas que trouxeram os portugueses às nossas praias no período de ápice de sua história, que fizeram os guaranis serem a raça predominante de indígenas, que fizeram os portugueses introduzirem os africanos aqui. Na interpretação de Romero, o tempo é agente integrante da natureza, o único capaz de agir, ainda que paulatinamente, sobre as determinações naturais.

Existe uma nacionalidade brasileira superior a todas as combinações da política e dos interesses dynasticos, formada pelas condições fataes da ethnologia e da mesologia, e á qual a marcha historica das suas luctas pela independencia e do seu conflictto com as velhas civilizações europêas vem completar a obra da natureza dando-se o relêvo moral, o character e o destino consciente no concurso simultaneo de todos os seus factores.<sup>84</sup>

Assim, é interessante considerar que o autor contesta a própria percepção de que o “grau zero” do Brasil é a invasão portuguesa, dentro do passado romântico, já que não podíamos jamais ser considerados “desenvolvimento da linha do tempo portuguesa” e tampouco somente herdeiros de suas tradições. Sob o olhar da ciência a formação nacional já estava em curso há muito mais tempo, até mesmo pela formação geológica e as condições climáticas do Brasil. Para Romero, não bastava apenas buscar nos autores que o antecederam pela essência nacional, como não bastava apenas considerar as três raças, foi preciso ir além. A perspectiva da história natural, portanto, resgata esse “passado profundo” a partir da ciência e do lugar da memória dos escritos populares.

Entre acreditar na agencia do tempo histórico e ao mesmo tempo na determinação biológica, Silvio Romero é um homem entre duas margens do rio, seguro em nenhuma, mas buscando se agarrar nas duas para não ser arrastado pela correnteza. Um homem profundamente consciente das

---

<sup>83</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011.

<sup>84</sup> ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brazil*. Volume 1, Lisboa: Nova Livraria Internacional - Editora, 1883, pp. IX/X

temporalidades em cada raça tendo o cientificismo como régua de análise. Silvio Romero abandonou a margem do mundo intelectual do Segundo Reinado, sem saber qual rumo tomaria, perdeu suas referências de passado-presente-futuro e as reconstruiu. A inquietação com o presente virou força motriz de sua busca por explicações de origem, por isso se agarrou a elas para dar sentido ao futuro. A angústia vira expectativa, mas Romero não parece abrir mão nem de uma, nem de outra.

Quando o autor direciona sua análise às contribuições dos indígenas, o olhar sensível à temporalidade e ao estágio de desenvolvimento se fazem presentes, também, com constância. Isso porque, atentar para esses detalhes permitia a Romero compreender como esses estratos do tempo se manifestam no mestiço. Tratando das divisões feitas por pensadores europeus, como Augusto Comte<sup>85</sup>, a escrita de Romero é inquietante porque rastreia como já existiam diferentes estratos do tempo dentro da própria “raça” indígena. Assim como ressaltou que os portugueses eram “um resultado complicado da história”, Silvio Romero apresenta a mesma angústia ao tentar “desembaraçar” as origens e contribuições dos indígenas em nossa “formação nacional”. É a constatação de uma raça muito pior do que os portugueses, que apesar dos atrasos, ainda ofereciam algum tipo de contribuição.

O estudo do regimen mental de uma raça não se determina sinão à vista do complexo de suas crenças e de suas idéas. Na ordem das armas e dos utensilios o indio estava na idade de pedra; na esfera das industrias era caçador; nas idéas religiosas estava no periodo theologico, no segundo momento do fetichismo: -- a *astrolatria*. Não podia ser monotheista. Também não era polytheista (...)<sup>86</sup>

Silvio Romero dedicou boas páginas a investigar a mentalidade dos povos originários da terra, passando por aspectos minuciosos da língua, da questão da guerra, das crenças religiosas, da organização social e diversos outros aspectos culturais. A referência que o autor utiliza para dimensionar os estágios evolutivos dos povos originários é a Europa, no entanto é interessante considerar que nessa tentativa de analisar a “linha do tempo”

---

<sup>85</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional, 1882, p. 41

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 40

indígena, Romero acaba novamente questionando a própria narrativa do Império de que o “grau zero” de nosso território é a invasão portuguesa. De fato, os povos indígenas são vistos de maneira bastante negativa, mas são uma orientação de nossa história que não vem dos europeus. O autor pode até considerá-los incapazes de contribuir expressivamente para nossa formação nacional, todavia não deixam de ser parte das condições naturais que a permitiram acontecer.

Uma das primeiras menções que Romero faz à presença do negro no Brasil, consiste na diferenciação com as “repúblicas espanholas”<sup>87</sup> das redondezas. Nesse sentido, por nos afastar da vizinhança, Silvio Romero já considera as contribuições dos africanos à nossa particularidade bem mais significativas do que a dos povos originários. Por outro lado, as considerações do autor quanto a presença dos indígenas e negros no futuro do Brasil é a mesma, não se deve contar seriamente com nenhuma das duas. Os Estados Unidos são tomados como exemplo de desenrolar natural histórico de um país com indígenas e negros que foram desaparecendo ao longo do tempo, conforme a seleção natural toma seu curso. O destaque que Romero atribui ao negro, é por considerá-lo adaptável ao meio americano e livre das “desconfianças do índio”, assim este se mostra suscetível a aprender. Além de ter se misturado muito mais com o branco, essa capacidade de aprendizado do negro o coloca numa espécie de “aliado” do português.

Se os padres da companhia, contradizendo-se, deixavam escravizar o negro e protegiam o índio, é que em seus calculos elles sonhavam um imperio exclusivamente seu, formado sobre o indígena. O inconsciente da historia venceu-os; na lucta pela existencia o portuguez supplantou o caboclo e o jesuita. O negro serviu-lhe de arma e de apoio; tal o seu grande titulo historico em o Novo-Mundo.<sup>88</sup>

Em contraponto aos indígenas “fracos, improdutivos e rebeldes”, Romero descreve os africanos como “robustos, ágeis e domáveis”. Nas palavras do próprio autor “o índio, em geral, foi um ente que se viu

---

<sup>87</sup> *Ibidem*, p.15

<sup>88</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor, 1888, p. 60

desequilibrado e feneceu; o negro um auxiliar do branco que prosperou”<sup>89</sup>, isto é, a raça que assistiu o português a repelir o selvagem. A própria escravidão contribuiu para vincular mais ainda os pretos aos brancos, sobretudo as escravas que serviam dentro do ambiente familiar dos brancos. O serviço doméstico é parte da condição histórica da escravidão que permite o cruzamento natural, o surgimento de laços: o mestiço. Sendo assim, o negro teria até mesmo influenciado em nossa vida íntima, bem como na difusão de costumes.

O tom do autor ao falar dos negros em nosso país é por vezes penoso, afinal “a pobre raça escravizada não teve nunca o direito de entrar na história; seu trabalho intelectual foi anônimo, bem como o seu trabalho físico”<sup>90</sup>. Silvio Romero afirma, nesse sentido, que a falta de documentos sobre o assunto não significa que os negros não contribuíram para a inteligência nacional, sendo assim, o justo seria recuperar essas contribuições para que não fossem apagadas de nossa história. O intérprete determinista do Brasil atribui, por exemplo, a força da imaginação e o ardor do sentimento do genuíno brasileiro à ação fisiológica dos sangues negros e tupy<sup>91</sup>. Ao negro, Romero também concede a força econômica, já que foi o produtor de nossas riquezas, trabalhando nas roças produzindo açúcar e café. Por isso, apesar dos vícios da escravidão, esta atuou como fator social que modificou nossos hábitos e costumes, assim como o trabalho e o cruzamento. Por esses três fatores Silvio Romero agradece aos negros.

Vale aqui ressaltar que por se tratar de uma obra publicada em 1888 algumas considerações que Romero faz sobre a escravidão em *História da Literatura Brasileira* possuem um caráter quase propagandístico. Muitos foram os debates a respeito da abolição e logo no prólogo de sua obra, Romero faz questão de recuperar as disputas entre grandes nomes, dentre eles monarquistas e abolicionistas como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio, para se introduzir nesse cenário como o intelectual assertivo que encaminhou cientificamente os debates sobre a escravidão. O polemista escreve já no pós-abolição, apontando a inépcia do *status quo*, a

---

<sup>89</sup> Ibidem, p. 90

<sup>90</sup> Ibidem, p. 84

<sup>91</sup> Ibidem, p. 120

desorganização da proposta de pôr um prazo na escravidão e o absurdo da abolição imediata em retirar do país sua força produtora.

A sua solução, a qual chama de *emancipação autonômica e popular* teria sido a vitoriosa, afinal era coerente com os fatores sociais e econômicos que um verdadeiro homem consciente da pátria teria sido capaz de observar. Não à toa, o autor lista uma série de acontecimentos em nossa história que demonstrariam a existência de um emancipacionismo do povo brasileiro desde o primeiro século da conquista. Sob a interpretação do naturalista a abolição teria sempre pertencido à vontade popular e teria acontecido no momento e da forma que aconteceu, pois esse foi o tempo natural de amadurecimento do povo até a consolidação deste emancipacionismo. Em seu discurso, Romero teria sido capaz de “prever” o destino da abolição porque compreendeu as orientações naturais de nosso povo e, por conseguinte, de nossa história.

Naquilo que se refere à contribuição dos negros e indígenas para a “formação nacional” é verdade que Romero estima mais o primeiro, no entanto quando compara o desenvolvimento desses dois povos, o indígena se encontraria em um estágio “mais evoluído”. Elencando a partir dos estudos de Comte, os negros transportados para o Brasil se encontravam no primeiro momento do fetichismo na fase primordial da idade teológica. Estes foram os mesmos estudos que Romero utilizou para medir o desenvolvimento dos nossos povos nativos, representantes da astrolatria, período mais avançado do estado fetichista<sup>92</sup>. Apesar de valorizar suas contribuições, Silvio Romero também descreve os negros com bastante rigor pessimista, chamando-os de “brutais, submissos e robustos”<sup>93</sup>, por isso mais próprios para os trabalhos árduos da lavoura. Ao mesmo tempo em que os agradece pela força econômica, atribui às condições naturais de sua própria raça o motivo pelo qual são escravizados.

Estas palavras podem ser verdadeiras no seu sentido geral—, o barbarismo dos negros; encerram porém uma grave lacuna. Não basta dizer que o africano era atrasado ou estúpido, e que elle influio desagradavelmente na formação de nosso povo. E' mister mostrar o que lhe devemos; é preciso indicar qual a

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 56

<sup>93</sup> Ibidem, p. 74

parte que lhe cabe na compreensão total de nosso caracter nacional.<sup>94</sup>

Assim como quando trata do português e do indígena, as considerações de Silvio Romero acerca dos negros podem ser angustiadas, mas não contraditórias. Com o rigor científico determinista, o naturalista aponta aspectos negativos de atraso como também recupera contribuições positivas para a formação nacional. Nesse sentido, não se trata de contradições porque Romero considera as duas análises como não-excludentes. No caso dos negros, o autor não deixa de ser referir a eles como bárbaros, ignorantes, atrasados, cuja música é monótona e a poesia rudimentar, responsáveis por passar ao mestiço o servilismo. Sua escrita é angustiada, na medida em que não deixa de tratar tanto o indígena quanto o negro como raças inferiores, mas dentro de suas contribuições negativas e atrasadas, há também aspectos relevantes para nossa formação nacional. Desse modo, o elemento de transformação do mestiço - do qual trataremos no próximo subcapítulo - em conjunto com a ação do tempo através do branqueamento nos levariam até o “genuíno brasileiro”.

Esta patria nova não é a oca do indio perdida no deserto, a palhoça do negro esquecida nos arêaes da África, ou o casal do portuguez que ficou pelas encostas do Alemtejo... A nova patria é o Brasil, quero dizer, a terra e a sociedade de um povo livre e progressivo.<sup>95</sup>

Em seu presente miscigenado, o autor sergipano ao observar o cenário carioca afirma que os rastros mais profundos foram deixados pelo português, seguido do negro e, por fim, do indígena. Desembaraçando os estratos do tempo que cada uma das três raças carrega, o hermeneuta do Brasil investigou suas respectivas heranças na formação do mestiço. Carregando a angústia de um homem desorientado no tempo, através da sua “consciência da pátria” foi capaz de enxergar um fio condutor natural de nossa história, na medida em que elegeu as condições que possibilitaram a miscigenação de seu presente. Foi a partir dessa “consciência da pátria” também, que Silvio Romero delimitou os contornos do verdadeiro “espírito

---

<sup>94</sup> ROMERO, Silvio. *Estudos sobre poesia popular do Brazil*, Rio de Janeiro: TYP. Laummert & C., 1888, p. 49

<sup>95</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor, 1888, p. 142

brasileiro” e, portanto, teve a habilidade de selecionar quais escritores contribuíram de fato para a literatura nacional. Resta então a pergunta, quem é o mestiço?

#### **2.4 - “Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias”**

Indicar no corpo das tradições, contos, canções, costumes e linguagem do actual povo brasileiro, formado do concurso de tres raças, que ha quatro seculos se relacionam, indicar o que pertence a cada um dos factores, quando muitos phenomenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados, quando a assimilação de uns por outros é completa aqui e incompleta ali, não é tão insignificante, como á primeira vista póde parecer.<sup>96</sup>

No subcapítulo anterior tratamos da dificuldade enfrentada por Silvio Romero em sua tarefa de desembaraçar as contribuições do indígena, do português e do negro. Para tanto, o autor teve que se debruçar sobre os diferentes estágios de desenvolvimento das três raças, além de considerar seus respectivos aspectos fisiológicos a fim de compreender quem era o mestiço. O cruzamento dessas raças, que ainda coexistem em seu presente, ajuda a criar um tempo desorientado, na medida em que heranças positivas e negativas, deixadas por povos em estratos do tempo distintos, se misturam. Na tentativa de sanar essa angústia, Romero realiza o esforço de pinçar no passado acontecimentos, características e tradições capazes de explicar o seu presente e possibilitar seu futuro, orientando assim nossa história nacional.

Se apoia, nesse sentido, na ciência para sustentar sua narrativa pré-concebida e teleológica da história, utilizando a literatura como objeto porque para o autor esta simboliza todas as manifestações de inteligência de um povo. Em última instância, tratar da literatura é a forma de conhecer o povo e, nesse sentido, esclarecer a “confusão de nossas letras” significa também dar luz a quem somos e ao que caracteriza o povo brasileiro. Justamente por ser um homem consciente de sua pátria, Romero teria tido o decoro necessário para delinear e esquematizar os contornos de nosso povo, que até então aparentava ser um grande amálgama. Por conhecer as leis

---

<sup>96</sup> ROMERO, Silvio. *Estudos sobre poesia popular do Brazil*, Rio de Janeiro: TYP. Laummert & C., 1888, p.250

naturais que operam o mundo e o próprio tempo, teria sido o intelectual modelo qualificado para equilibrar as tradições sem perder de vista o nacional.

Nem portugueses, nem indígenas, nem negros, essa era a definição pela ausência, pelo o que não somos, mas e a caracterização pelo o que somos? Quem é o mestiço? O polemista preencheu as lacunas deixadas em nossa história enquanto rastreou e delimitou as heranças da fisiologia, dos costumes, das ideias, da literatura e das tradições. Silvio Romero desembarçou o emaranhado de heranças em seu presente para costurá-las ordenadamente em uma verdadeira linha do tempo natural da história do Brasil, sua tapeçaria final foi o povo brasileiro. Não bastava apenas garantir que o brasileiro não seria confundido com nenhuma das três raças, mas também não poderíamos ser apenas diferenciados pela ausência. A escassa “coesão histórica”<sup>97</sup> de nosso povo é o que atormenta nosso intérprete nacional, encontrá-la é a tarefa que se propôs a cumprir.

O servilismo do negro, a preguiça do índio e o genio autoritário e tacaño do português produziram uma nação informe, sem qualidades fecundas e originaes. O brasileiro se distingue por um certo deleixo moral, o culto do *laissez faire*, *laissez aller*, certo abandono por tudo quanto se refere aos mais vitaes interesses da ordem publica. E não é, nem precisamos dizel-o, por falta de patriotismo que assim nos expressamos. Nós amamos ardentemente a patria, e é esse o motivo por que lhe profligamos os desvarios; os falsos patriotas são os que mentem ao povo, endeosando-lhe os vicios. As três raças que constituíram o povo brasileiro ainda não se imbeberam de todo entre si.<sup>98</sup>

Inconformado com esse presente carregado de angústias, com esse ainda “não-lugar” do povo brasileiro e com a caracterização pelas ausências, Silvio Romero esquematiza os “agentes criadores”<sup>99</sup> e os “agentes transformadores”<sup>100</sup> da literatura nacional. O não-conformismo de Romero, no entanto, não significa que ele abandone as visões negativas sobre as raças, pelo contrário o autor considera que descartá-las seria mentir para o

---

<sup>97</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 41

<sup>98</sup> ROMERO, Silvio. *Estudos sobre poesia popular do Brazil*, Rio de Janeiro: TYP. Laummert & C., 1888, p. 355

<sup>99</sup> Ibidem, p. 250

<sup>100</sup> Ibidem, p. 250

próprio povo. Romero simplesmente pretende sanar suas inquietações, cumprindo a tarefa que elegeu para si mesmo: explicar o espetáculo nacional. Era, portanto, parte de sua tarefa dar forma à massa homogênea e confusa, difícil de caracterizar e diferenciar, que era o povo brasileiro. Para tanto, Romero elenca os “agentes criadores”, dos quais o português e o mestiço seriam agentes diretos e o indígena e o africano seriam indiretos.

Essa esquematização de agentes diretos e indiretos feita para analisar a poesia popular<sup>101</sup> considera dois aspectos: o contato e interação entre as raças externamente e as relações de sangue. A raça superior portuguesa em contato com os nativos e negros não sofreria alterações significativas em sua vida intelectual, apenas apreenderia um ou outro costume, o que os coloca na posição de criadores diretos. No que diz respeito ao sangue, por outro lado, já se trata de uma transformação fisiológica produtora de um “tipo novo”<sup>102</sup>, o mestiço, que não eclipsou o português, mas ofuscou as duas raças inferiores. As contribuições do indígena e do africano podiam ser indiretas, mas nem por isso menos reais, na medida em que transmitiam suas tendências intelectuais à fisiologia do mestiço.

Resta assim o “agente transformador”, papel que compete ao mestiço por ser, em si mesmo, uma transformação. Apesar de Romero não oferecer uma definição fechada daquilo que compreende como a atuação do mestiço enquanto agente transformador, alguns trechos dos estudos da poesia popular permitem uma hipótese. Tratando por exemplo do “bahiano”<sup>103</sup>, o hermenauta do Brasil o considera produto do mestiço, uma vez que é “uma transformação do *maracatú africano*, das dansas *selvagens* e do *fado português*”<sup>104</sup>. Nesse sentido, a transformação atribuída ao mestiço parece fazer referência à aptidão natural inconsciente de carregar misturas culturais das três raças sem ser uma mera reprodução. O mestiço, portanto, não é uma mancha homogênea de culturas, como tampouco é uma imitação, mas sim um produto histórico do desenrolar natural do país. Isto é, o mestiço

---

<sup>101</sup> Ibidem.

<sup>102</sup> Ibidem, p.251

<sup>103</sup> Ibidem, p .33

<sup>104</sup> Ibidem, p.33

é uma especialidade brasileira, um “tipo novo” em formação cuja característica peculiar é transformar.

Adaptada e este solo, quando foge no verso e musica dos modelos convencionaes, adquire tambem um grau pronunciado de originalidade.

Chega a este ponto quando ao elemento portuguez aggregam-se os outros, porque o genuino brasileiro, como já disse, o *nacional* por excellencia, não é, como alguns hão affirmado erroneamente, este ou aquelle dos concurrentes, mas o resultado de todos, a *fôrma nova* produzida pelos tres factores.

Essa peculiaridade à transformação é parte do nosso “espírito brasileiro” em desenvolvimento, que ainda não se apresenta consolidado porque a miscigenação continua em curso. É como diz Romero, possuímos os elementos para adquirir maior coesão histórica, para sermos definidos pela presença e não pela ausência, no entanto até o seu presente não se alcançou esse estágio. Apostando na expectativa para sanar as angústias do presente, o autor projeta para o futuro a “encarnação perfeita do genuino brasileiro”<sup>105</sup>. Somente após mais alguns séculos de miscigenação cujo resultado seria o branqueamento, estaria perfeitamente delineado o “espírito brasileiro”, ou seja, nossa forma mais branca e culturalmente superior possível. As raças puras teriam oferecido “os materiais brutos” e o mestiço os teria transformado segundo as leis do meio, assim ele simboliza a adaptação natural - nossa condição histórica - para formar o “espírito brasileiro”. O mestiço é produto dos elementos naturais que atravessaram e possibilitaram o desenrolar de nossa história, ele é resultado da natureza e seu agente transformador que oferece as condições para chegarmos ao verdadeiro brasileiro.

Assim como o negro foi retratado por Romero como um “aliado” do branco no processo de seleção natural, justificando assim sua predominância ao indígena, o mestiço também cumpre o papel de auxiliar. A partir do momento em que os africanos são inseridos no Brasil pelos portugueses e ganham protagonismo na força econômica, na interpretação romeriana é como se os negros fossem selecionados junto aos europeus enquanto os indígenas e caboclos começam a desaparecer. Logo após nomear o branco

---

<sup>105</sup> Ibidem, p.306

“autor inconsciente” nesse processo de eliminar as raças mais fracas, o autor acrescenta “foi sempre ajudado neste empenho pelo *mestiço*, seu filho e seu auxiliar, que um dia acabará por suplantá-lo, tomando-lhe a côr e a preponderancia.”<sup>106</sup>

É interessante, dessa forma, pensar no mestiço enquanto resultado da miscigenação e, ao mesmo tempo, auxiliar nesse processo. O mestiço é concomitantemente o produto histórico do Brasil e o assistente que permite chegar no verdadeiro brasileiro. Isso é possível na medida em que Romero adota a perspectiva do povo em formação, por isso o mestiço ocupa esse “não-lugar” que carrega em si os elementos originais da Nação, mas ainda não é o representante nacional. O mestiço possui as condições de possibilidade históricas para alcançar o genuíno “espírito brasileiro”, entretanto ainda se encontra no caminho desse desenrolar natural. Para Romero, nesse sentido, é como se o mestiço fosse um diamante bruto, já possui valor na medida em que carrega o original, mas lhe falta polimento.

Ainda entre nós as três raças não desapareceram confundidas num typo novo, e este trabalho será lentíssimo. Por enquanto a mescla nas côres e a confusão nas idéas é o nosso apanagio.<sup>107</sup>

A predominância da raça branca na miscigenação ao longo dos próximos séculos daria o acabamento necessário que distinguiria o mestiço do genuíno brasileiro. Nesse momento, com nossa versão mais branca, teríamos alcançado a promessa de civilização que já estava no mestiço, após termos expurgado dele os vestígios do passado. Esse mestiço que no presente romeriano ainda é mais definido pela ausência do que pela presença, já carrega em si o potencial original de transformação para resultar, após o branqueamento, no genuíno brasileiro. A compreensão que Romero tem do mestiço, portanto, carrega as tensões entre passado-presente-futuro, não à toa ele é simultaneamente produto natural da história do Brasil, auxiliar do processo e, também, aquilo que precisa ser superado.

---

<sup>106</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 16

<sup>107</sup> ROMERO, Silvio. *Estudos sobre poesia popular do Brazil*, Rio de Janeiro: TYP. Laummert & C., 1888, p.356

A miscigenação é um processo lento, mas que de imediato, gera resultados rápidos. Simultaneamente, Romero convive com as três raças de formação e o seu resultado mestiço, que já é parte da realidade presente, mesmo que apenas se aperfeiçoe no futuro. Silvio Romero reconhece os vestígios do passado no mesmo espaço em que vislumbra promessas do futuro, se angustia com a assincronia do tempo e na medida que a enxerga, desembaraça suas camadas e as sincroniza em uma narrativa natural e linear do tempo. Com a experiência e a expectativa embaçadas, Romero seleciona cuidadosamente quais elementos devem ser pinçados para clarear a verdadeira formação nacional e suas categorias universais de passado-presente-futuro.

A escrita romeriana, nesse sentido, faz um esforço cuidadoso para reconhecer as diferenças de desenvolvimento entre as raças e, por sua vez, suas contribuições. Em busca de uma explicação do passado, Romero “desacelera” o tempo para conseguir extrair desses vestígios das raças originais, a particularidade que nos diferencia e a essência nacional. Em seu presente, as poesias populares são a memória, o lugar retórico que permite Romero dissecar determinações biológicas e desembaraçar os diferentes estratos do tempo. No entanto parece uma experiência acelerada na medida em que o mestiço já é parte do presente antes mesmo dos negros e indígenas terem sido completamente extintos pela seleção natural. Na verdade, ele próprio se torna um agente, auxiliando o branco, a extinguir as raças inferiores. Não obstante de seu papel fundamental de transformação que o torna original e auxiliar do português, o mestiço continua sendo “algo a ser aperfeiçoado” para alcançar o desenrolar futuro nacional. Silvio Romero precisa desacelerar para encontrar suas respostas, ao mesmo tempo em que explicar o espetáculo nacional o permitiria converter, em alguma medida, a angústia em expectativa.

É um processo lento, mas Romero garante que o povo brasileiro não deve contar seriamente com a presença de negros e indígenas em seu futuro, eles já estão desaparecendo em lembrança, ficando na margem do passado. Sua escrita, por outro lado, projeta para o futuro, carregando consigo a resposta das origens e, sobretudo, a particularidade nacional. Nesse mesmo processo lento, paulatinamente, o branqueamento acontece. Assim, esse

horizonte oferece uma raça mais embranquecida, mas não antes sem oferecer uma singularidade natural - a transformação - que permitiu esse desenrolar da nossa linha do tempo. Não antes de garantir que somos um tipo novo, uma raça em desenvolvimento que está alcançando traços nacionais e não pode ser nem confundida, nem condenada.

Apesar da projeção na expectativa, a angústia não desaparece, é o constante equilíbrio entre uma crença no tempo histórico do progresso embebida de determinismo biológico. Romero jamais abandonou o pessimismo e as visões negativas das raças, jamais tirou a condição de serem superadas. O autor aceitou a miscigenação e a colocou como particularidade do brasileiro na medida em que apostou no tempo e na predominância da raça branca. Seu olhar temporalizado e determinista trouxe uma verdadeira consciência da pátria e, por isso, foi capaz de esquematizar o “espírito brasileiro” quando costurou uma narrativa teleológica e natural da história. Se colocou como porta-voz do povo, resgatou na memória aquilo “que não mais eram” para definir “a promessa do que não eram ainda”. Aliviou sua angústia quando viu no povo mais do que uma mescla incoerente, quando enxergou o nacional e o poliu com o branqueamento, Silvio Romero teve a consciência do ainda “não-lugar” do brasileiro.

## **2.5 - Silvio Romero não abandona o tempo histórico do progresso**

Apesar de coexistirem, no presente romeriano, o português, o indígena e o negro, o autor tem a consciência de que são apenas vestígios de um passado “que não mais são”. Isto é, as três raças sofreram alterações com o meio, interagiram e se misturam, elas não representam mais a “origem”, já fazem parte do processo de transição até o “genuíno brasileiro”. A presença das três em seu tempo dá a Romero a inquietação da busca pelas origens da formação nacional, mas não suas respostas. As respostas estão na língua portuguesa na medida em que representa o resquício vitorioso desse passado, é nela em que as tradições estão amalgamadas e fundidas, separá-las é o caminho para atingir mais rapidamente uma maior “coesão nacional”. Melhor dizendo, separar essas tradições é acelerar o processo já em curso de chegar no genuíno brasileiro, de ter um verdadeiro sentido de representação nacional.

A angústia da mistura em seu presente fez Romero constatar que a nossa caracterização enquanto povo se dava pela ausência, ou seja, nossa particularidade se exprimia pela “confusão de ideias”. Reconhece que foram “destes elementos disparatados, incongruentes e meio esquecidos, que se formaram as crenças, os hábitos e a poesia de nosso povo.”<sup>108</sup> Ao invés de criar uma versão idealizada de povo, como fez o romantismo, enxergou-o pelo o que era, identificou suas mazelas para oferecer sua salvação. Essa é a posição a qual o autor coloca a si próprio e a geração de 1870 na querela com o romantismo. Através do seu olhar científico e sensível à temporalização, portanto, o autor se considera capaz de, primeiro, ter a consciência que o povo estava em um processo de transição, segundo, vislumbrar um futuro que teria eliminado os vícios e alcançado o nacional.

O europeu foi o concorrente mais robusto por sua cultura e o que deixou mais tradições. No século XVI, pois, por uma lei de evolução que dá em resultado antecederem as formas simples, às mais compostas, as canções e contos populares das três raças ainda corriam desagregados, diferenciados. Nos séculos seguintes, sobretudo no XVIII e XIX, é que se foram cruzando e amalgamando para integrar-se á parte, produzindo o corpo de tradições do povo brasileiro. Nós ainda hoje assistimos a este processo de integração.<sup>109</sup>

Até o presente momento, tratamos da escrita romeriana como um cuidadoso equilíbrio entre sua consciência do tempo e seu olhar científico. Mais ainda, tratamos da sua interpretação que coloca o tempo como agente da natureza, que o submete às suas leis. Trata-se de uma naturalização do tempo em que fatores biológicos, geológicos e climáticos fazem parte e influenciam o desenrolar do tempo. Este é o legado do determinismo biológico que repercutiu com intensidade nas Américas e produziu diagnósticos negativos sobre o continente. No entanto, como analisamos no capítulo I, os intelectuais latino-americanos não simplesmente reproduziram as doutrinas raciais europeias, mas se apropriaram cuidadosamente destas. Voltar os olhares para o Velho Continente só faria sentido na medida em que pudessem oferecer ferramentas para repensar o particular, isto é, o contexto nacional.

---

<sup>108</sup> Ibidem, p. 14

<sup>109</sup> Ibidem, p. 17/18

Sendo assim, adotar puramente a percepção de um tempo natural que tem suas condições determinadas biologicamente colocaria um fim à crença incluyente universal da civilização. Naturalizar o tempo aos moldes de um determinismo clássico consideraria colocar um fim à "conversão", seria reconhecer que fatores externos não poderiam alterar as condições inerentes das raças. Não se trataria mais apenas de constatar que as nações estão em estágios diferentes de desenvolvimento, mas que essas condições de atraso não podem mais ser superadas. A percepção, por exemplo, de que através da colonização e do contato com os elementos civilizatórios seria possível o aperfeiçoamento dessas raças "atrasadas" cai por terra. Isto porque, não se poderia impor a um povo uma civilização incompatível com o seu grau de desenvolvimento intelectual.

Silvio Romero, apesar de beber desse determinismo, ao enxergar o tempo como agente natural projeta em sua ação a possibilidade de mudança. De fato, não seria um processo externo de colonização capaz de alterar as condições naturais do povo, mas sim a ação do tempo no decorrer de seu desenvolvimento natural. A tese do branqueamento, como tratamos até aqui, considera a inexorabilidade da miscigenação, não abandona as visões negativas desse processo, não deixa de enxergar a necessidade de superar nossa condição característica de "confusão das ideias". Por outro lado, ao mesmo tempo, considera que ao longo dos séculos, através da ação do tempo, seríamos capazes de descartar os vícios e alcançar uma versão mais evoluída, racialmente e culturalmente superior.

A "consciência da pátria" de Silvio Romero, seu olhar atento às três raças originais, à imitação estrangeira, ao meio físico e ao mestiço permitiu-lhe delimitar as condições naturais que orientaram o desenvolvimento do povo brasileiro até aqui. O intérprete do Brasil em sua interrogação sobre o futuro, sua angústia com o presente e sua desorientação em relação ao passado enxergou os contornos das leis naturais do tempo, descobriu as relações entre passado e futuro, fixou-as para compreender um e prever o outro. Trata-se assim de um homem consciente não apenas dos diferentes estágios de desenvolvimento para cada raça, mas também consciente da própria ação do tempo, na medida em que reconhece que o povo brasileiro, o presente o qual faz parte, é parte de um processo em curso. Foi um homem

que enxergou as condições históricas do nosso desenvolvimento enquanto povo porque compreendeu as leis da natureza.

Minha hipótese, nesse sentido, é que Silvio Romero não pode ser considerado apenas um “homem da ciência”, ainda que fosse um tão característico representante da geração de 1870. O hermeneuta do Brasil carrega também as características de um homem do “tempo histórico do progresso”, pois uma vez consciente da ação do tempo pode acelerá-lo. Como foi o caso da “darwinização da crítica”, a partir da qual Romero selecionou autores que genuinamente expressaram fragmentos do “espírito brasileiro” em formação para fazerem parte da história da literatura nacional. Esse esforço buscou esclarecer o estado fragmentário de nossas letras, preencheu suas lacunas bem como delimitou contornos para o que antes parecia um grande amálgama de tradições.

Dar contorno às nossas letras e escrever uma história “natural” é acelerar o processo já em curso de atingir uma maior coesão nacional. Além disso, ao definir um arquétipo de letrado no qual o próprio Romero é modelo, é como se o intérprete do Brasil deixasse um manual de como se deve pensar o país: como desenvolver uma consciência da pátria. Esse seria, portanto, um legado fundamental na medida em que não há utilidade em mentir para o povo sobre suas condições. Isto foi o que fez o romantismo idealizar um povo sem erros, escondeu dele seus vícios e deixou-o alienado ao seu próprio estado de “confusão de ideias”. O esforço de Romero, pelo contrário, traria luz sob os atrasos, enxergaria o povo tal como era porque o torna objeto da ciência. Com seu rigor em apontar tantas características negativas é como se Romero se colocasse no papel de pai que castiga acreditando assim dar as orientações corretas aos seus filhos.

A falta de coesão nacional, que é um facto ethnico, physico, anthropologico, traduz-se e revela-se na esphera mental. E' por isso que não temos, nunca tivemos, uma opinião publica esclarecida em política, nem uma intuição litteraria própria.<sup>110</sup>

Por diversas vezes ao longo de seus escritos, Romero deixa completamente explícito que o processo de branqueamento demoraria, ao

---

<sup>110</sup> Ibidem, pp.355/356

menos, mais alguns séculos. O “genuíno brasileiro” seria nosso produto histórico definitivo, a representação completa de nossa coesão nacional encarnada no “espírito brasileiro”. Romero tinha plena consciência de que não veria o resultado final de nossa formação nacional, no entanto isto não significa que até lá o povo brasileiro deveria se limitar a viver na “confusão de ideias”. Pelo contrário, se apenas o tempo é capaz de agir no aspecto étnico, físico e antropológico, parece que na esfera mental há uma brecha para a agencia humana. Isto porque, despertar o olhar consciente da pátria permitiu que Romero escrevesse uma “história da literatura brasileira”, deixou esquematizado uma organização das nossas letras, do mundo intelectual.

A geração de 1870, período da crítica científica, teria desenvolvido assim um campo intelectual autônomo<sup>111</sup> que até então não existia no Brasil. Trata, assim, de um momento de reforma da ordem sociopolítica estruturada em cima da escravidão e da monarquia, cuja geração de 1870 é protagonista na redefinição desse mundo intelectual. Coletivamente elaboraram a crítica, escolheram quais doutrinas seriam apropriadas do repertório europeu e, por terem feito isso em um contexto sem instituições intelectuais *strictu sensu*, se configuram enquanto um movimento social<sup>112</sup> contestador. Recuperar a agencia dos intelectuais de 1870, da qual tratamos no capítulo I, é importante na medida em que damos luz às transformações no mundo das ideias. Com a “darwinização da crítica” defendida por Silvio Romero, o autor teria combatido o pior vício de nossas letras: a imitação estrangeira sustentada pelas instituições imperiais e dado início a um momento de desenvolvimento consciente e autônomo da nossa história.

A defesa da imigração representa, assim, mais uma tentativa de acelerar o processo de branqueamento em curso. No entanto, o incentivo à imigração não poderia ser inconsequente, mas sim como apontou Schneider, um esforço “em busca dos “brancos” ideias: a imigração europeia”<sup>113</sup>.

---

<sup>111</sup> ALONSO, Angela. “Apropriação de ideias no Segundo Reinado”. In: *O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889*. GRINGBERG, Keila. SALLES, Ricardo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.88

<sup>112</sup> *Ibidem*, p.88

<sup>113</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Silvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011, p. 175

Escrevendo já na década de 1880, Romero expressou seu descontentamento e preocupação com a miscigenação alemã que se afastava do nosso corpo de tradições luso-brasileiras. Essas distâncias culturais entre os alemães no Sul do Brasil e o restante da população brasileira, os tornariam incapazes de se integrar ao nosso povo e a nossa língua. Ainda que Romero reconhecesse o atraso dos portugueses em relação aos demais europeus, como tratamos neste capítulo, era inadmissível o incentivo à imigração de indivíduos que destoassem do nosso “espírito brasileiro” em formação.

e a nossa é uma nacionalidade luso-americana, e se ela quer continuar a ser o que é para ficar sendo alguma coisa, e não se pode conceber que não o deseje, porque esse monstruoso fato seria o único em toda a vida da humanidade: se não chegamos ainda a um tal grau de loucura que preferamos a nós mesmos os estrangeiros, isto é, os italianos e os alemães, que são os que emigram em massa e para pontos determinados e escolhidos do país; [...] nem o ideal de virmos a constituir um outro Haiti [...]: se tudo isto é a verdade irrefragável, não temos outros recursos senão apelar para um reforço do elemento português, já que os europeus de outras origens quaisquer não querem cá vir espalhar-se um pouco por toda a parte, e as duas procedências que nos enviam imigrantes, por nefastos erros da mais estúpida das políticas, foram perturbadamente aglomerados nas belas regiões do Sul, e são hoje um perigo permanente para a integridade da pátria.<sup>114</sup>

A imigração cumpria um papel importante em nossa formação nacional, na medida em que, para além de resolver a questão da mão de obra pós escravidão, introduziria mais elementos da raça branca no Brasil. O imigrante, nesse sentido, representava mais “elementos civilizados” na mistura da miscigenação, o que por sua vez poderia acelerar o processo de transformação até o “genuíno brasileiro”. No entanto, justamente por considerar a mestiçagem não apenas uma condição física, mas também cultural, esse elemento branco precisava acrescentar à nossa “coesão nacional” e não ameaçá-la. Assim, o cuidado de Romero para tratar da imigração é tão significativo quanto seu incentivo, são dois esforços que vão ao encontro do processo já em curso buscando auxiliá-lo e, quem sabe, acelerá-lo.

---

<sup>114</sup> ROMERO, Sílvio. O allemanismo no Sul do Brasil, p. 175

Não obstante defender uma interpretação naturalizada do tempo e, por conseguinte, da nossa história, Romero não deixa de conceber a possibilidade de agir no processo de “formação nacional”. Claro, entende que são condições naturais que possibilitaram o desenvolvimento do Brasil até seu presente, entretanto, na medida em que toma consciência das leis da natureza, consegue operar a favor do seu funcionamento. Angustiado com um presente repleto de assincronismos, o hermeneuta do Brasil se utilizou da ciência para sincronizá-los em uma linha natural do tempo. Substituiu a perda de referências de passado-presente-futuro pela consciência do ainda “não-lugar” do brasileiro, ou seja, reconheceu sermos um povo em formação. Uma vez tomada a consciência do processo em curso e das leis que o operam, Romero consegue fixar tanto explicações para o passado quanto suas expectativas para o futuro e, em alguma medida, caminhar ao encontro delas. Para explicar o espetáculo nacional não poderia abrir mão nem da angústia que foi seu ponto de partida, nem da expectativa que seria sua linha de chegada.

## Conclusão

“Assim, um regime de historicidade é apenas uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias, (...)”<sup>115</sup>

Dois escritos de Silvio Romero muito mobilizados ao longo deste TCC se destacam pela semelhança: “Introdução à História da Literatura Brasileira” (1882) e “História da Litteratura Brasileira” (1888). Escritos com seis anos de diferença, o primeiro é uma espécie de primeiros contornos do segundo. Inclusive, diversos capítulos se mantiveram intocados, como foi o caso das preliminares do Introdução que se tornaram capítulo I na História. Por outro lado, a ordem dos capítulos sofreu alterações e novas partes foram acrescentadas ao texto, como o capítulo “Theorias da História do Brasil”<sup>116</sup> que não existiu no Introdução. É interessante pensar, nesse sentido, o porquê dessas escolhas.

Chamo atenção para a divisão em quatro grandes momentos da história da literatura nacional, que aparecem nas duas obras. Os três primeiros se mantiveram idênticos “*período de formação* (1500-1750), *período de desenvolvimento autônomo* (1750-1822), *período de*

---

<sup>115</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 11

<sup>116</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor, 1888, p. 10

*transformação romântica (1822-1870)*”. O quarto e, no contexto das publicações, o último seria justamente o presente da geração de 1870. No “Introdução à História da Literatura Brasileira” de 1882, Romero se refere ao seu período como “*período de reacção positiva (de 1870 em diante)*”<sup>117</sup>. Faz referência, assim, ao antagonismo dos homens da ciência de 1870 que enxergavam as condições naturais do povo frente aos românticos idealistas que imitavam a Europa e mentiam ao povo.

O curioso é que seis anos depois, em “História da Litteratura Brasileira” Romero se refere a esse período como “3.º *Periodo das reacções antiromânticas, de 1870 a 1900 e annos posteriores, até a formação d'algum movimento nacional novo e original, que venha substituir as escolas actuae*”<sup>118</sup>. A essência de antagonismo com a geração romântica se mantém, no entanto Romero acrescenta uma perspectiva radicalmente nova. O autor abre margem de interpretação à possibilidade de que, futuramente, se perderão, mais uma vez, as referências de passado-presente-futuro. É como se por enxergar as condições naturais que permitiram o desenvolvimento do povo brasileiro até seu presente, Romero antecipasse a recorrência de um tempo desorientado como fluxo natural do tempo.

A perda de referências da geração de 1870 foi a angústia que motivou as reformulações das noções de nação e povo, assim como das próprias categorias universais do tempo. Da mesma forma, Romero compreende que quando as novas formulações feitas pelos intelectuais de 1870 não forem mais suficientes para sanar as inquietações nacionais, há de se ter um novo tempo desorientado. Caberia, então, a gerações futuras mergulharem em busca das suas próprias respostas e verdadeiro sentido de representação nacional. A ausência de identificação com aquilo que a geração de 1870 propõe como representação nacional seria o gatilho dessa desorientação que, por sua vez, levaria a mais uma busca no tempo. Entretanto, é importante ressaltar que não necessariamente esse movimento seria na

---

<sup>117</sup> ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882, p. 10

<sup>118</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor, 1888, p. VIII

década seguinte ou daqui a um tempo determinado, mas sim que está em aberto.

Em sua tese do “Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo”, Hartog utiliza da ferramenta histórica para interpretar, por exemplo, a Odisseia de Homero e os diários de viagem de Chateaubriand. Esses momentos de perda de referências de passado-presente-futuro podem ser, portanto, expressos de diversas formas. Minha hipótese foi que Silvio Romero exprimiu-as a partir da construção de um modelo particular de análise para o povo brasileiro. Não apenas por conhecer os princípios naturais, mas sobretudo, por ter a consciência da ação do tempo, Romero demonstrou seu misto de angústia e expectativa.

O “regime de historicidade” serviu, assim, como uma ferramenta histórica de “movimento que desloca as linhas, que privilegia os limites e os limiares, os momentos de inflexão ou de reviravolta e as divergências”<sup>119</sup>. Seu uso é uma construção do historiador, não é pois um modelo dado. Isto significa, que não deve ser pensado como uma instância imutável, como um ciclo constante em que regimes venham a suceder uns aos outros. O “regime de historicidade” é um artefato interpretativo para ler um período, uma obra, um personagem histórico em que as tensões entre passado-presente-futuro estejam em reformulação. É um reconhecimento histórico de que momentos de crise acontecem, sem necessariamente significar o início de uma “nova era”.

Assim, tomando meu estudo de caso, Silvio Romero, me parece que essas experiências de crise não seriam plenas, mas sim “par défaut<sup>120</sup>”. Isto não significa dizer que esses momentos perdem sua originalidade autônoma, ou remove de seus indivíduos históricos a capacidade de agencia. Meramente seria um reconhecimento de que ao longo do tempo, existem momentos em que o horizonte de expectativas e o espaço de experiência se encontram embaçados. Ressalto, novamente, que o “regime de historicidade” não é um modelo pré-definido, ele é uma construção histórica que trabalha, como qualquer outra, a partir de fontes. A construção de uma

---

<sup>119</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 40

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 9

hipótese pelo “regime de historicidade” só é possível na medida em que as fontes se apresentam sensíveis à consciência do tempo e da perda de referências de passado-presente-futuro. É possível, na medida em que essa experiência de crise é sentida e expressa em registros.

Assim, concluo essa monografia com a defesa de que Silvio Romero não pode ser apenas pensado como um homem da ciência, mas como um homem também do tempo histórico do progresso. Um intelectual desorientado e angustiado que foi sensível ao seu momento de crise a partir de um presente que carregava diferentes estratos do tempo. Desenvolveu, portanto, um modelo particular de análise para desembaraçar o amálgama de tradições que era o povo enquanto oferecia um fio condutor natural de nossa história. Resolveu, assim, nossa falta de “coesão nacional” na medida em que pinçou seletivamente os elementos que já exprimiam o “espírito brasileiro” em formação. Transformou a angústia em expectativa, e se agarrou às duas para reformular as relações entre passado-presente-futuro. Se enxergou como “intérprete do Brasil”, pois cumpriu a façanha de explicar o espetáculo nacional em nome do povo.

## Referências bibliográficas

ALONSO, Angela. “Apropriação de ideias no Segundo Reinado”. In: *O Brasil Imperial - Vol. III - 1870-1889*. GRINGBERG, Keila. SALLES, Ricardo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça como questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010

ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brasil*. Volume 1, Lisboa: Nova Livraria Internacional - Editora, 1883.

ROMERO, Silvio. *Estudos sobre poesia popular do Brasil*, Rio de Janeiro: TYP. Laummert & C., 1888.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: H. Garnier, livreiro-editor, 1888, p. VIII

ROMERO, Silvio. *Introdução a História da literatura brasileira*. tomo 1, Rio de Janeiro: typhographia nacional: 1882

ROMERO, Sílvio. O allemanismo no Sul do Brasil.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. “O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.” *Projeto História* n. 42. Junho de 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, Companhia das letras: São Paulo, 1993.

TURIN, Rodrigo. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900)” *Intellèctus*, v.8 n.2 (2009).